

# Boletim

I SÉRIE

31  
DE  
JULHO  
DE  
1948

ANO II N.º 13

PREÇO 2400

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:  
ARQ. JERÓNIMO REIS

ADMINISTRADOR:  
JOAQUIM DO SEUTO

REDACTORES:

ANTÓNIO GAIO  
CARLOS P. MORAIS

DIRECTOR

HIGIÑO AUGUSTO PIRES

PROPRIEDADE

DA

A. A. E.  
(SECÇÃO CULTURAL)

COMPOSTO E IMPRESSO

TIP. PROGRESSO  
— ESPINHO —

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Provisória): Rua 11-361—ESPINHO

PUBLICA-SE MENSALMENTE



A FAMÍLIA DO PESCADOR (Estudo)

Desenho inédito de JOAQUIM LOPES

## PROFISSÃO DE FÉ

Como sempre tem acontecido, como sempre desejamos que aconteça, iniciamos jornada com entusiasmo, sonhos magníficos, planos gigantescos, e topamos dificuldades (superadas umas, indomadas outras), topamos senilidade, malvez, incompreensão, hostilidade, indiferença. Vencemos. Não está feito tudo aquilo a que aspiramos. Muito, porém, se atingiu e muito, enfim, se conservou. O programa que construímos em nosso coração e em nosso cérebro, não podemos desistir dele e convém que o relembremos, neste mesmo estilo de D. Quixote e de Tartarin, um pouco também de Parsifal, neste mesmo estilo heroi-cómico de adolescente escritor principiante. Queremos transformar a estrutura espiritual de Espinho e contribuir para o seu progresso material. Queremos ajudar a renovação e o florescimento da espiritualidade portuguesa, queremos que se reconheça e proclame e viva uma totalidade humana, uma totalidade cósmica, um universalismo, uma hierarquia de valores. Acreditamos em Deus, Criador de tudo e, portanto, acreditamos que a própria matéria é uma forma de espírito e destinada a reduzir-se a espírito. Acreditamos que, adentro da Natureza, pela acção da vida potencial, os entes materiais mais perfeitos provieram de outros entes materiais menos perfeitos. Acreditamos que o espírito é o princípio e o fim de tudo e que a matéria só importa em função dele; porque acreditamos que a matéria é a provação e a separação dadas ao espírito, para que ele mereça e alcance a união e a felicidade. Acreditamos, por isso, na supremacia do espírito e respeitamos a matéria, como forma dele e pela sua dignidade de ser criado. Acreditamos que o Homem é a mais nobre das criaturas, mas que todas as criaturas têm a sua nobreza. E acreditamos que todas as criaturas devem ser tratadas de acôrdo com a nobreza delas. Acreditamos que o Amor é como um magnetismo atraíndo os entes separados, é como uma saudade da união passada e uma esperança na união futura. Acreditamos que o Amor chama em todos os entes: homens, animais, plantas, pedras, estrelas... Acreditamos que o Homem participa da besta e do anjo, que é lodo e bafejo divino, céu e terra, centauro, sagitário atirando setas para as nuvens. Acreditamos que o pecado original é um facto, que a natureza humana está decaída, que existem ambientes propícios à degradação, que «é inútil pregar a estômagos vazios» e que o primeiro dever da Caridade é a Justiça! Acreditamos que importa tratar do corpo para sustentar a alma; e acreditamos também que nunca devemos desprezar a alma para salvar o corpo. E isto, porque reconhecemos e proclamamos a supremacia do espírito! Acreditamos que é preciso lutar contra o materialismo, a maquinização do homem. E, contra um utilitarismo estreito ou uma «estandardização», acreditamos na Verdade e na Beleza da variedade e da harmonia. Acreditamos em três direitos que são três obrigações indeclináveis: a vida, o sustento e o progresso espiritual. Acreditamos nas Pátrias e na Madre—Europa, foco da civilização sobre que nos apoiamos. Acreditamos no mundo e na sua possibilidade de salvação. Acreditamos na força das realidades e no poder do idealismo. Acreditamos no entusiasmo propulsor da mocidade e no alimento substancial que é a experiência da velhice. Acreditamos que devemos equilibrar-nos sobre o perigo, pois toda

Continua na pág. 3

Número Especial 1 Aniversário

Colaboração de:

Joaquim Lopes, Berta Ribes de Sousa, Carlos de Moraes, Emílio Machado, Florentino Boulart Rigueira, João de Albuquerque, João Gaspar Simões, Jorge Pelayo, Lopo Boulart Rigueira, Narciso de Azevedo, Pedro Homem de Melo, Renato de Valnegro, Sebastião da Gama, Teixeira de Pascoais, Vasco de Lima Couto, etc.

VISADO PELA CENSURA

PRIMEIRA  
FILA

## O Sol

O Sol—vulgarmente falando—é um substantivo comum, masculino e singular.

Até aqui, embora errada, está certa a definição. Mas eu não vos vinha falar do sol que vem de fora para dentro, derramando do alto da sua quadriga de fogo, diariamente, numa magnífica apoteose creadora, a sua luz sobre o imundo charco do mundo. Nada disso!

Eu desejava falar-vos dum Sol que viesse de dentro para fora, que transbordasse das almas como um banho de alegria capaz de lavar as nódoas da tristeza de toda a gente.

Nascer todos os dias, e para todos, é belo! E' próprio do Sol—esse substantivo comum, masculino e singular, que aqueceu o corpo carcomido e a choupana de Zaratrasta, e que se quedou, atónico, perante a intimativa bíblica de Josué.

Mas isso não é tudo. Chega mesmo a não ser quase nada, se a sua luz não consegue atravessar e dissipar a austera penumbra das almas que vivem em constante e pavorosa amargura, por todos os recantos da terra.

Portanto, não é pela alegria do Sol que eu clamo da minha pobre varada solitária! Não! Eu clamo apenas, como sonhador impenitente que sou, pelo Sol da Alegria, por um Sol que transborde de todos os peitos, que esmalte de sorrisos naturais todas as caras, que brinque em todos os olhos, que cante em todas as bocas e que ilumine os sombrios escaninhos de todas as almas!

Muitos dos meus irmãos em padecimentos desejariam, certamente, uma hora triunfal com a contemplação da sorte grande na lotaria!

Pois que venha lá a sorte grande para todos os que a desejam—se isso é possível; mas para mim, que sou o egoísta supremo, desprezaria a taluda, se me dessem em vez dela, o prazer de ver risos sãdios em todas essas caras tristonhas que topamos a cada esquina—farrapos de sombra que nascem, vivem e morrem na sombra, sob a olímpica serenidade da luz do Sol—esse substantivo comum, masculino e singular, que despeja diariamente sobre nós a sua luz magnífica!

Pedro Manuel

## Café Avenida

Sempre prontos a acompanhar de perto todas as iniciativas que sirvam o progresso de Espinho, não podemos deixar de assinalar a abertura dum novo estabelecimento que honra o seu proprietário e a terra.

De linhas modernas, ártico e confortável o Café Avenida que vem beneficiar e valorizar a Avenida 8, é uma prova de quanto podem a iniciativa e o bom gosto.

Data o sr. Amadeu A. Moraes, proprietário deste magnífico Café, vão os nossos parabéns e votos de prosperidade.

## PELO DESPORTO

## Escândalos do Oquei em Patins

Continuado da pág. 8

Sabe-o o sr. dr. Oscar de Carvalho e é quanto basta. O corte de relações entre Armando Moraes e o sr. Delegado não será justificação?

Do Académico do Porto foi castigado um jogador, cujo nome o sr. Correia de Brito não dá à publicidade.

Este modesto C. de B.—modesto e puro,—dá-nos um cúmulo de impudência e descarado quando reclama louvores para os jogadores que não foram castigados. Procura misturar-se com os que souberam comportar-se, depois de tomar um ar de justo, envolvendo alguns jogadores da Académica de Espinho nesses louvores.

Este sr. irrita quando compromete. Mas quando falar de nós que seja sempre atacando, pois quando elogia causa uma repugnância que incomoda profundamente.

O procedimento de C. de Brito como jogador conduziu dois jogadores da Académica de Espinho ao jogo feio. O procedimento deste sr. como cronista também está na origem destes acontecimentos.

Este desportista será tão perverso que vá induzir o adversário a ser incorrecto para depois endossar uma recomendação à Associação?

E' absolutamente aceitável. E qual a moral que pode obter-se do relatório com que o sr. dr. Oscar de Carvalho faz obséquio ao Académico do Porto?

Creemos que induz ao jogo feio, tanto quanto possa permitir a educação do "desportista", mas, de tal modo discreto que não seja visto por quem pode castigar.

A verdade é que a coisa via-se. Houvesse boa vontade...

Enquanto Espinho fôr considerado um arrabalde de fácil

submissão a qualquer arbitrariedade e enquanto a categoria dos críticos influenciáveis e o critério dos responsáveis fôr correspondente às determinações que amputaram a nossa equipa, isto será sempre assim...

A recordação destes factos causa uma revolta que custa dominar. C. de B., mau desportista, crítico desonesto, sempre disposto a criar mau ambiente a clubes, árbitros e dirigentes a quem calunia, acusa ou censura, sempre para antecipar-se à condenação que merece ou diminuir o adversário na sua força, é e será, para vergonha do desporto, um informador desportivo.

Oscar de Carvalho castigou a quem não pôde suportar tanto, e absolveu os provocadores.

Para onde caminha isto?

Cabe bem aqui uma advertência.

Ou a honestidade volta ao espírito de determinados, se alguma vez lá esteve, ou então teremos a quem pedir muitas responsabilidades pela eliminação fria e descarada dos que se atrevem a ter valor.

Estas palavras não causaram riso a alguém? E' possível. Mas que importa mais: eliminar a Académica—por agora—ou proceder bem?

E se amanhã forem levantados os castigos, trazendo por consequência a condenação duma injustiça?

Também não importa. A Académica de Espinho foi suficientemente enfraquecida, pelo tempo justamente necessário, para não causar surpresas incómodas.

E, para fechar, gostaríamos de saber como foi criado, ao Académico do Porto, o mau ambiente, a que alude o cronista de "A Bola", de 8 do corrente.

## 5 Minutos ao Telefone com Alves Teixeira

Continuado da pág. 8

—Que pensa das actuações do Vasco da Gama e do Fluvial?

—Ambos os grupos cumpriram plenamente as minhas previsões, feitas no início da época.

—A sua opinião sobre o Basquetebol aveirense.

—Progrediu bastante, de há uns três anos para cá. E estou absolutamente convencido de que mais se aperfeiçoará, com a presença de dois árbitros que impeçam um jogo tanto ou quanto violento.

—A sua opinião pessoal sobre os Júniores da A. A. de E., que o sr. Alves Teixeira viu jogar na Madalena este ano?

—A vossa equipa deixou-me globalmente uma excelente impressão, se bem que ainda se notem nela os defeitos dos jogadores mais velhos. Isto tem a sua explicação na falta de contacto com clubes de plano superior ao do Porto. Todavia, podem alimentar grandes asp. rações, se ela for convenientemente orientada e mantiver regular intercâmbio despor-

tivo com as boas equipas do Porto pois, no encontro realizado com o Vasco, patenteou já uma boa técnica e sobretudo uma excelente compleição física, a qual, bem aproveitada, pode constituir um óptimo triunfo.

A nossa conversa estava mesmo a acabar, por imposição da menina telefonista, mas antes de terminar não resistimos a disparar a derradeira pergunta:

—Julga que no próximo ano o Basquetebol nortenho continuará na mesma esteira da época que finda?

—Naturalmente que sim; mas para tal é necessário que as entidades directivas do desporto nacional continuem a dispensar-nos todo o auxílio possível e a não pôr entraves à nossa acção.

Findara o ameno colóquio e, ao assentarmos o auscultador, parecia-nos ver na nossa frente o homem a quem Portugal deve justamente o progresso alcançado no Basquetebol.

## PEÇO A PALAVRA!

Isto vai mal, amigos:—dum lado o Homem e a realidade, do outro uma palhaçada incomensurável e grotesca.

Palhaçada, sim, mas palhaçada suja, ascorosa, fétida!

Por isso o Homem, que passa ao lado, abraçado à Vida, se ri até ao choro, também vomita até desfalecer.

Sobranceiro às coisas da Terra, com as chaves do Céu na mão, S. Pedro córa de vergonha e raiva.

Ele, que não tem culpa alguma!...

\* \* \*

Afinal, amigos, se Isto vai mal, não é motivo para tristezas, porque coisas há que nos trazem consolação e alegria. E mais:—Trazem-nos o estímulo indispensável para irmos adiante, cada vez com mais firmeza e amor, com mais dedicação e entusiasmo.

"Boletim" festeja o seu primeiro aniversário, ciente de ter cumprido o Objectivo a que se propôs na Editorial do seu 1.º número.

Assim sendo, "Boletim" adquiriu a responsabilidade e a obrigação de melhorar e de servir melhor.

E' difícil, bem sei:—Dificuldades transtornos, aborrecimentos, incompreensão e desânimo. A opôr, há que prosseguir, corajosamente.

Se Isto vai mal, amigos, não significa que fiquemos de braços cruzados a contemplar a Vida ou que nos curvemos na observação estéril e ridícula dos nossos umbigos.

Pelo contrário:—intervenhamos na própria Vida, teremos parte, com os outros homens, nesta luta.

\* \* \*

E' costume dizer-se: não te conheço!

E assim se pretende fazer saber que o visado é bem conhecido e pelas suas habilidades, pantominas ou manhas.

Ora a verdade é esta:—Eu não os conheço; tu, amigo, não os conheces.

Precisamente por isso é que não os ignoramos, é que estamos a ver todo o jogo, todas as habilidades, pantominas e manhas; é que estamos cheios dos seus grotescos e fartos dos seus cinismos.

Isto vai mal amigos! Kim

Lêde, assinai e propagai

BOLETIM

## Desenho da Capa

Por gentileza de Mestre Joaquim Lopes publicamos hoje um seu desenho inédito, "A família do Pescador". De todos é conhecido a proficiência do ilustre director da Escola das Belas Artes do Porto. Artista profundo, crítico sapiente e de visão segura, ele irradiou, pessoalmente, simpatia e bondade. A sua acção tem sido fecunda em prol da Cultura Portuguesa. Por isso todos nós lhe agradecemos.

## Carta de Longe

## Obras de Defesa de Espinho

«Acredito desde já no triunfo da iniciativa. A mocidade, quando quer, tem o Sortilégio das grandes vitórias e é na sua inergia que o nosso jornal assenta os alicerces. «Com tão segura base, será difícil ruir a abóbada do templo!...» — fui quem o escreveu, logo no primeiro número do «Boletim», quando tudo ainda não passava senão de mera experiência, ou melhor: dum belo «Sonho côr de rosa!» Hoje, decorridos doze meses, releio, vaidoso, as palavras de d'ontem e, graças a Deus, ao proclamá-las de novo, nem na consciência me pesa o remorso do exagêro, nem, tampouco, me é necessário bater no peito o «mea culpa» do arrependimento. Antes, devo afirmar, com a energia que mais fortalece uma verdade: não pouco optimistas agora se me afiguram às palavras de então, examinando, à luz serena dos factos, o que tem sido, em obra digna, renovadora e desempoeirada, a carreira ascensional deste «Boletim» — Porta-voz dum escol de «Novos», de tal modo judiciosamente expressivo, que tem direito a exigir, se não o respeito de todos, pelo menos a admiração dos bem intencionados. E é destes, afinal, que cada vez anda o mundo menos cheio!...

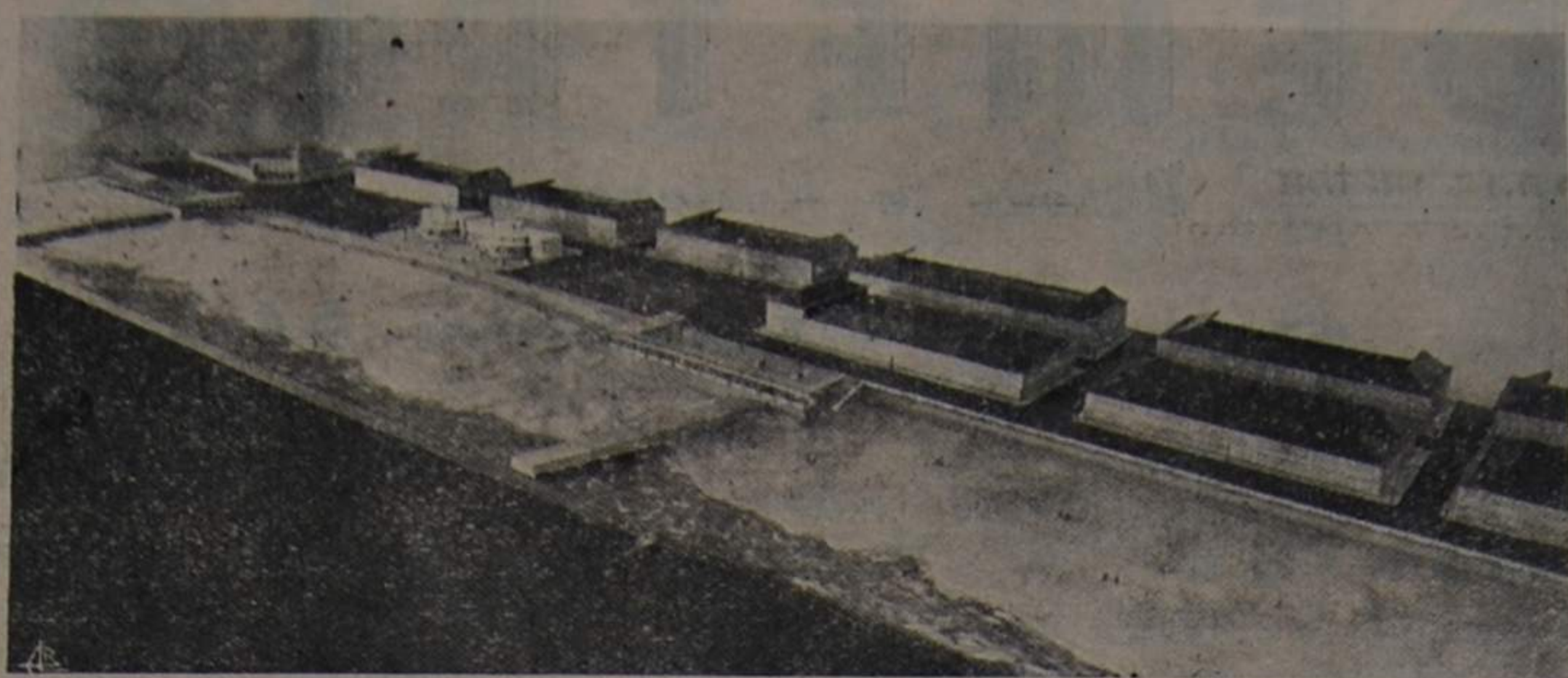
Vão doze meses decorridos — tempo capaz de ditar um fracasso ou consagrar um êxito! Se, quanto ao primeiro, não há que duvidar: — firmes, enveredamos pelo seu caminho; já agora será difícil afastar-mos dele! Tudo que fica para trás — fraquezas que nos deram força; arrelias que nos deram ânimo; obstáculos que mais nos aguçaram o apetite de vencer; inimidades que melhor nos prenderam aos amigos — tudo, tudo, nesta hora de festa e de perdão, é já passado distante — poeira que subiu no ar, mas que, por termos seguido em frente, não molestou, nem poluiu, as nossas vestes. Se alguém há que tenha de escovar-se, decididamente que não somos nós!...

Pouco mais será preciso dizer. Apenas uma palavra de incitamento aos artífices do templo — uma palavra, de igual modo, carinhosa e amiga, que traduza, quanto possível, a admiração devida a quem, desinteressadamente, trabalha pelo Bem Comum. Nada mais compensador, ao cabo do dever cumprido! A todos, pois, sem distinção, o meu sincero abraço de parabéns.

Auguro longa vida ao «Boletim». Longa vida, ao serviço do Desporto e da Cultura, da Verdade e da Justiça, reacendendo, neste mundo de trevas e de egoísmos, o luminoso facho do Espírito — base primordial da Fraternidade entre os homens!

Que ao entrar neste segundo ano de existência, o «Boletim» prossiga no mesmo caminho: Sem outro lema que não seja vencer; sem outro destino que não seja Deus; sem outra política que não seja Portugal. Eis os votos mais sinceros do

Eugenio de Paiva Freixo



Quando já descrevamos da solução definitiva da defesa de Espinho, apareceu finalmente um projecto que visa além daquela o arranjo urbanístico da Praia.

E' com satisfação que o «Boletim» publica uma fotografia da «maquete» dessa obra pela qual os nossos leitores poderão apreciar a grandeza do plano elaborado.

## Profissão de Fé

Continuado da pág. 1

a existência é equilíbrio sobre um fio e todos os cumes são pontas de lança, vértices. E acreditamos, também, que só devemos pousar num perigo quando haja uma razão para ele. Acreditamos na supremacia da Verdade e que, para vencer, o justo só necessita da Verdade, mas da Verdade inteira. Acreditamos que os homens devem salvar o que ainda lhes resta de comum, para assentar aí os alicerces duma concórdia necessária. E, enquanto os homens se não animalizam, o que lhes resta de comum é a sua própria condição humana: a espiritualidade numa carne que há-de ser gloriosa. Acreditamos na luz e na sombra; e que a sombra é uma ausência de luz; no bem e no mal, e que o mal é uma ausência de bem; no passado e no futuro, e que o futuro é o passado a projectar-se. Em tudo isto acreditamos. E por esta razão nós fizemos o que fizemos e como fizemos. Releia-se o «Boletim» e analise-se a actuação da Associação Académica de Espinho. Fomos entusiastas e aventureiros, persistentes e fanfarrões, desinteressados e mourejadores. Fomos apaixonados, alegres, arrojados, sonhadores. Fomos Jerónimo Reis e Hígino Pires, Lino Luz e Abel de Oliveira, Amparo Santiago, Mário Ramos, e tantos outros. Houve dedicações comovidas e assombrosas, que são a vergonha dos comodistas, dos burgueses, dos homens correctos e respeitáveis! Dinheiro, saúde, tempo, descanso — uns uma coisa, outros outra, outros várias — tudo foi sacrificado pelos rapazes da Académica, principalmente pelos que citamos. Ah! Não se tratou duma fácil tarefa! Não houve ajuda de ninguém: houve, sim, a indiferença e a hostilidade. Se conseguimos algo e conservamos algo, isso deve-se aos rapazes, aos cabeças-no-ar espinhenses. Reparem e vejam! Sempre nos conservamos fieis a nós próprios e disso nos orgulhamos. Fomos alegres e quiméricos, teistas, moralistas e irreverentes. Fomos defensores do espírito e da sua superioridade e cuidamos do corpo como templo desse espírito. Interessou-nos a Cultura, a Literatura, a Música, a Ciência, a Técnica. Cultivámos o Desporto, a Ginástica, os Divertimentos. Fomos regionalistas e patriotas, europeus e homens. Se mais não realizámos, para mais não houvermos ajuda. Sem compromissos ou ligações limitadoras, denunciámos certas verdades que doeram e, por isso, criámos novos inimigos. Sem lisonjas ou comodismos, enveredámos por um caminho áspero, anunciámos a necessidade do esforço, elogiámos a dificuldade e, por isso, cercou-nos a indiferença. Ficámos ignorados da massa ou esquecidos por ela; a causa disso, todavia, foi uma campanha surda, subterrânea, feroz, às vezes ignóbil, feita por alguns, para nos calarem e afogarem-nos em silêncio. Não desistimos, nem podemos desistir. O económico e o cultural, o administrativo e o educativo, o desporto e a instrução, a técnica e a estética, a utilidade e a moral, o progresso e a tradição — continuam a interessar-nos. Havemos de combater e conseguir pequenas ou grandes vitórias. Olhem e vejam o que pudéramos ter alcançado se o auxílio, a boa-vontade, a simpatia dos espinhenses nos acompanhassem. Atrevo-me a dizer que o melhor penhor do futuro e do engrandecimento de Espinho está na sua Associação Académica! Ajudem-na que ela é dos novos; e os novos, os espinhenses de amanhã, serão o que ela puder fazer deles.

Estamos no princípio. Afinal, pensando bem, ainda estamos no início da tal jornada. Com entusiasmo, sonhos magníficos, planos gigantes, frente a dificuldades, a senilidade, malvadez, incompreensão, hostilidade, indiferença. Somos, porém, um alfobre de energias. Somos o espanhol D. Quixote, o francês Tartarin, o germânico Parsifal, os portugueses Afonso Henriques, Infante Navegador, D. Sebastião. Mousinho de Albuquerque... O «Boletim» vai mudar de nome, vai chamar-se «GERMINAL». Desta praia, partimos às conquistas e às descobertas. E, no seio da terra, germinam as plantas que darão fruto e flor. Nós somos «GERMINAL».

Florentino Goulart Nogueira



## O Menino Triste

O mundo era feio e mau. A' volta só existiam o escárneo e o desprezo. A sua vida não pertencia, não dependia, do amor de alguém. Ele é que existia, êle e o seu mundo, o mundo que criara, obrigado pela frieza e maldade do outro. Abandonara-se auma existência individual, sem contactos, sem convívio, sem o calor duma amizade. Era fechado como um botão por florir, como uma flor por desabrochar. Nunca tivera um sol amigo que o fizesse abrir-se para a ternura e lhe mostrasse a alegria de viver. Ao princípio ainda sentira a presença duma luz carinhosa e cheia de promessas, mas não quizeram a sua felicidade e a luz apagou-se. E com ela foram-se as primeiras e últimas esperanças.

Vivia só e infeliz.

Os devaneios duma imaginação exaltada e febril, um mundo de sonho que não podia partilhar com um amigo, não bastavam para fazer esquecer a solidão que o envolvia e afastava dos outros.

Era um menino triste.

Um menino que não brincava, porque fugiam do seu feitio melancólico e irritável.

Escarneciam dele, da creança bissonha que levava o tempo a cismar e não sabia rir. Ao escárneo seguiu-se a hostilidade e, então, conheceu o ódio. Depois da dor, da indiferença e do desprezo, chegara ao ódio. Odiava porque não o compreendiam, não viam o seu sofrimento. Todos eram culpados, mas a maior culpa cabia a sua mãe. Sim, a mãe era a causa do mal. A ela, só a ela devia a sua maneira de ser. Dera-lhe a vida mas sentia que não gostava dele, do filho que a fizera sofrer.

Desconhecia as ternuras, as delícias do amor maternal. E, mais tarde, quando principiou a ter a noção do lar, da família, da casa, achou uma casa mas sem as alegrias do lar e sem o aconchêgo da família.

A mãe era uma leviana, uma boneca que gostava de ser adulada por todos e cuidava de tudo menos dos deveres de mãe e esposa.

Crescera no meio de zangas dos pais, num inferno de discussões e de ameaças. Esteve sempre do lado do pai, talvez porque sentia que êle também era odiado. Gostava muito dele, e, quando esperava desse amor tudo o que se lhe negara, o seu único amigo, desgostoso com a esposa, suicidou-se. Extinguiu-se voluntariamente a luz que o poderia fazer diferente. Não o deixaram ser como os outros.

Tinha de ser um menino triste. Um menino que só conhecia a Dor. E foi a Dor que regeu o seu destino, o destino de Schopenhauer, o filósofo do pessimismo, o homem que demonstrou ao homem que o mundo só é Dor.

Nuno Rangel

# DEMÉTRIO

Pensão e Restaurante

ESPINHO — Telefone, 98

60 Quartos com vista de Praia e Mar  
**Situada na Esplanada**

Sala de Restaurante independente com serviço à lista e almoços e jantares da casa.

== Serviço de bons Hoteis a preços de Pensão ==

## Casa Xabregas

Casa Fundada em 1944

Carlos Jerónimo F. Pereira  
XABREGAS

Lanifícios, Gabardines  
Sobretudos,  
Camisaria e Calçado

RUAS 18 E 23 — ESPINHO

## Fábrica ALEA

Louças de chapa de alumínio e alumínio fundido, todos os artigos de alumínio, Galvanoplastia, etc.



SANTIAGO & OLIVEIRA, L.DA

Telefone 388 - Telegramas SOL - Apartado 36

Rua 33 - Espinho

## Cervejaria

VERDE GAIO

Pasteis, Carnes Frias,  
Mariscos, Vinhos, etc.

Avenida 8 n.º 450 — ESPINHO

PREFERIR A

## "Ourivesaria da Praça"

para as suas transacções em Ouro, Joias e Relógios, é trocar o seu dinheiro pelo justo valor do objecto adquirido.

a "Ourivesaria da Praça"

é no ângulo das ruas 18 e 23  
ESPINHO

## Livraria Portugália

Rua de Santo António, 210 -- Porto  
Telefone, 27858

livros de  
Literatura, Arte, Engenharia, Medicina, Direito, História, Filosofia Estudo, Etc.

livros  
Portuguêses, Franceses, Ingleses, Espanhois, Americanos, Alemães, Italianos, etc.

Serviço Rápido de Encomendas

Informações Bibliográficas

Fornecimento de Livros para o Continente, Ilhas e Colónias

Pedidos à LIVRARIA PORTUGÁLIA

## A Mercantil de Espinho, L.da

Armazem de Mercarias, Cereais, Farinhas e Gorduras

Representações:

Companhia União Fabril, Empresa de Cimentos de Leiria, Banco Lisboa e Açores e Companhia de Seguros Garantia

Rua 14 n.º 798 a 808 — Espinho

ESTAÇÃO DE SERVIÇO • LUBRIFICAÇÃO ESPECIALIZADA

# ESPINHO — Garagem

DE

## JOSÉ DE OLIVEIRA SALVADOR

RUA 62 N.º 582 • ESPINHO • RUA 11 N.º 457

31-7-48

## Toiros e Toiradas

Como tínhamos previsto, a corrida inaugural da temporada, em Espinho, constituiu um verdadeiro fracasso, cuja única e simples responsabilidade se deve atribuir a quem a organizou. Era de presumir que, com touros de semelhante procedência, o espectáculo só dificilmente poderia resultar satisfatório, e como toda a gente sabe a qualidade do gado é factor primacial numa boa função tauromáquica.

No passado dia 11, soltaram, aos «infelizes» elementos que compunham o cartaz, oito «bois», qual deles o mais manso e corbarde, e que só depois de muito trabalho ofereceram alguma luta. Assim não!... Francamente não, pode ser, porque isto é uma das maiores ajudas que se pode dar para o descrédito da festa, bastante maltratada já por elementos tão preciosos e daninhos como aqueles que possivelmente estavam encarregados de conjugar os elementos intervenientes nesta touxada. E dizemo-lo assim sem rodeios e sem mascarilha, porque estamos absolutamente convencidos que quem comprou os touros ao sr. Francisco dos Santos? Sabia antecipadamente que os mesmos só poderiam causar boa impressão pelo seu aspecto, porquanto dada a sua falta de bravura, nobreza e casta, não podiam ser considerados como rezes bravas a tal função destinadas.

O trabalho dos diversos artistas tinha forçosamente que se ressentir da péssima qualidade do gado, mas mesmo assim usaram e abusaram da complacência do público. Verdade seja, que este, dada a maneira como o espectáculo ia decorrendo, esfriou e mostrou-se muito mais reservado e indiferente que de costume. Bom foi que assim sucedesse!

Simão da Veiga esteve mal no primeiro e muito mal no segundo, no qual não conseguiu cravar um só ferro que não fosse «pescado». Para o seu nome e responsabilidade isto é simplesmente de lamentar e de fazer votos para que não se repita.

Manuel Conde, que pela primeira vez vimos em acção, demonstrou vontade de agradar, mas cometeu faltas idênticas e conduziu o seu trabalho de uma maneira irregular e sem objectivo definido.

F. Sepúlveda foi um amador muito simpático e dando a impressão que lhe falta ainda muito que aprender e praticar...

A lide à espanhola esteve a cargo de Aguado de Castro, que à falta de trabalho em Espanha veio até Portugal, arranjar uns «duros». Com semelhantes adversários, nem ele nem nenhum outro fariam algo que se visse. Mas mesmo assim não conseguiu no 1.º tércio dar uma única verónica, e com a muleta limitou-se a dar uns passos por alto, até que os seus touros se cansassem e deitassem, de pronto, a língua de fora, resultado «da enorme casta que possuíam». Em nenhuma taena se mostrou inteirado, estando sem «sítio», e com desplantas

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



Os passeios em frente ao futuro Teatro vão ser libertos, recuando os taipais até às portas...

A Câmara vai tomar a seu cargo a iniciativa de tal medida, embora se espere o mesmo da Empresa Espinho-Praia...

O recolhido poeta simples que é Eugénio de Paiva Freixo sempre se resolve a continuar fazendo versos e... talvez, a publicá-los...

Pedro Manuel é o pseudónimo de outro poeta, autor de magníficos sonetos e de outras poesias fulgurantes em livros publicados e inéditos...

José Côrte-Real (Pepe) abandona a direcção do «Poney», porque se forma este ano, em medicina...

Até ao fim do ano, o Presidente da Assembleia Geral, dr. António Nunes das Neves, publicará um volume de Matemática; Carlos de Moraes um livro de poesias; Florentino Goulart Nogueira um livro de contos; José Marmelo e Silva um romance...

A Associação Académica de Espinho vai ter um Hino com letra de Florentino e música de Mário Neves...

Mário Neves vai, enfim dar-nos um recital de piano...

Vasco de Lima Couto virá fazer-nos, brevemente, um recital poético...

Da conferência que abre o ciclo onde se contam Ramos de Almeida, Pedro Homem de Melo, Amorim de Carvalho, Car-

de novilheiro barato, que os «morlacos» mesmo assim não consentiram. No seu primeiro, entrou a matar, deixando o ferro em cima da pata dianteira do lado direito, o que a suceder em Espanha lhe valeria possivelmente uma «saída em ombros» ou uma nova «estocada da tarde» de Benlliure.

Os forçados fizeram o que puderam — e não foi pouco — com tanta montanha de carne.

Dos touros julgamos já ter dito o necessário e fazemos votos para que o sr. Francisco dos Santos se resolva a contribuir para o melhor apetrechamento

los Carneiro, etc. será autor José Marmelo e Silva.

A nossa Revista de Cultura sempre sai a público, mas só em 1 de Outubro do ano corrente...

Se vai fundar o Grupo Cénico da Académica de Espinho...

O Orfeão recomeça os ensaios em Outubro...

No princípio de Outubro, Florentino Goulart Nogueira fará em Coimbra um Recital de Poesias e uma Conferência acerca de «A Gnoseologia e a Interpretação poética»...

O aniversário do Boletim seja coroado com a entrega imediata dos seus exemplares pelos C. T. T...

A notícia tauromáquica da «Defesa de Espinho» careça de verdade quando afirma que a primeira corrida da época não foi má...

«Mais vale tarde que nunca» foi o lema que a Associação de Patinagem do Norte resolveu seguir agora com a criação de escolas de árbitros...

O Campeonato Nacional de Voleibol tem um sério pretendente — o Sporting Club de Espinho...

A Académica vai reforçar o seu grupo de basquetebol com Júlio Mário, ex Vilanovense e pretendido também pelo F. C. P.; Veiga Ribeiro, União Oliveirense; e Lima, Olivais de Coimbra...

O Sporting de Espinho, com a ajuda dos interessados, leve a efeito as seguintes organizações: Torneio de Tiro aos Pombos (anual); Torneio Regional de Tiro aos Pratos e Torneio de Natação...

dos talhos dos nossos marchantes.

É direcção acertada e oportuna...

... E, meus senhores, o melhor da festa, pelo goso e hilaridade que provocou, foi ainda um espectador que se situava no sector 5 e que resolveu — já se tinha resolvido há bastante tempo — armar em bôbo e elemento gozável da multidão, o que levou alguém a nosso lado a dizer, que, foi o animal que melhor lide proporcionou em toda a tarde!...

Paquito

## Villaret fala ao «Boletim»

Continuado da pág. 16

quero fazer-lhe uma cabazada de perguntas...

— Enquanto o tempo der, estou ao seu dispor!

— Obrigado!

E fui ouvir o clássico e límpido Camões, onde Villaret foi renascentista e solene; o retorcido Góngora onde Villaret foi precioso; o apaixonado Gomes Leal, onde Villaret foi teatral e lírico; o grego Eugénio de Castro de sentidos latinos, onde Villaret foi escultural e claro; o realista-impressionista Cesário Verde, onde Villaret foi calmo e burguês; o delicado pessimista António Nobre, onde Villaret foi encantado e violento.

Depois, corro para o camarim. Abria a hõca para perguntar, quando entra Alberto de Serpa.

— Como está? Como passou?

Reparo que também está Humberto Mergulhão.

— Desculpe! Não reparara...

Entrementes, chega Pedro Homem de Melo.

— Por aqui?

E a conversa fecha, de vez, a entrevista para aquele intervalo.

— Paciência!, — digo à despedida. — Até ao segundo!

E ouço agora a rebuscada simpleza de Botto e a angústia aristocrática de Sá-Carneiro e o tumulto dramático de Régio e poemas de Guillén, de Pessoa, de Jorge de Lima, de Florbela Espanca. Villaret, num soneto desta («São mortos»), atingiu momento duma tradução perfeita, duma alegria forte, macia, quente, ática na forma, estuante, gloriosa e serena, intimamente maguada como cinza ou lilás dum sol-pôr.

De novo, me apresso aproveitando um descanso.

— Topou grandes dificuldades junto do público no início da sua carreira?

— Não. Sempre achei nele a compreensão e a simpatia. Desde o princípio, tive este ambiente que agradeço e que se deve ao temperamento sentimental, à aguda intuição da alma portuguesa.

— O público, na maioria, entendeu-o, portanto?

— Sim. É para o grande público que eu trabalho. Esse é que importa conquistar. Os intelectuais... muitas vezes são uns pretenciosos de emoção estéril ou de ideias complicadas que acabam por cair num barroco ou num rócócó modernizado. Detesto tais sanguessugas, como detesto os artistas que se submetem a uma intenção preconcebida, que usam por assim dizer um «slogan». Afinal, nem intelectuais nem artistas. A humanidade, e não o artificialismo, isso, apenas, se mantém, eterno e sublime.

Conversamos mais alguns instantes. O sinal chama para a 3.ª parte. Despeço-me de Villaret, digo-lhe obrigado, desejo que o Brasil lhe preste justiça.

E regresso à plateia, para o ouvir na sua mensagem de Beleza e Verdade, enquanto o público, acima do Mundo se transporta e, afinal, o aplaude acaloradamente, numa vibração prolongada, num adeus carinhoso e agradecido.

Goulart Nogueira



Confeitaria "AO PONTO CHIC"

Sortido completo em doçaria, Bolos regionais e artigos da especialidade.

Rua 8 n.º 569

CASA TAVARES

Sala de Chá, Lanches, Bebidas geladas e um nunca acabar de gulodices.

Rua 62 n.º 630

**ANTONIO CATARINO DA FONSECA**

CONSTRUTORA CIVIL E DE ENGENHARIA

RUA 62 N.º 594 a 606

ESPINHO

Tintas Americanas - Conklin e Sta-Rita - de alta qualidade

Esmaltes, lacas, vernizes e todos os materiais para pintura de automóveis, construção etc. aos melhores preços

AGENTE:

*A. Trindade, Sucessor*

Armazéns de Ferro, Aço e Carvão de Forja - Depositário do material Lusalite  
Avenida 8-886 ESPINHO

*Daniel Iglésias*

Lanifícios, Chales, Sedas  
Tobralcos e Robias - Modas

Especialidade em tecidos de Verão e de Inverno  
para casacos e vestidos de Senhora

Rua 19 n.º 201-203

Espinho

**Padaria Progresso**

DE

Manuel Maria Valente

Distribuição aos Domicílios

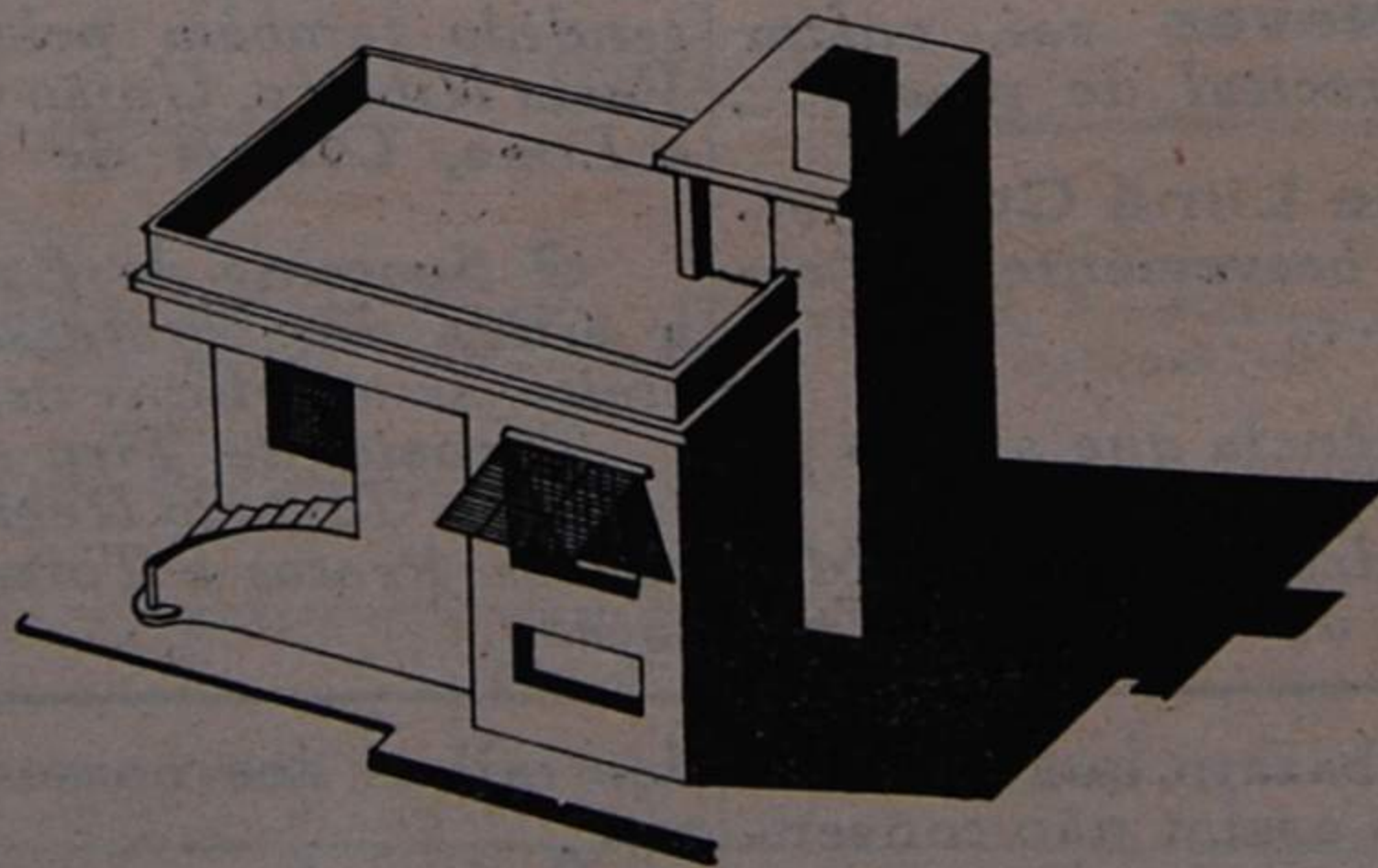
Fabrico esmerado de todas as qualidades de pão

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE

*Projectos de*

Construção Civil e Electricidade



Reclames e Desenhos de Publicidade. Detalhes. Medições e Orçamentos

Para todos os géneros de desenhos, consulte-nos

à Rua 14 n.º 1049 - ESPINHO

**Padaria Mecânica**

*A Pérola de Espinho*

de Faria & Irmão



Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A hygiene é a divisa da padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE



Rua 16 - 231 - Telefone 84

ESPINHO

Ourivesaria e Relojoaria

*"Confiança"*

Relógios, Pratas - Jóias e O'culos

Rua 19 - ESPINHO

Agência das Máquinas PFAFF  
Agência oficial «OMEGA»  
Oficinas de Ourivesaria e Relojoaria. Avaliador Oficial da Casa da Moeda

Representações - Carimbos Gravuras-Vinhos do Porto \*\*\* e Licores \*\*\* Lotaria para revenda Agente da Casa da Sorte

**PERFEITO PRATA**

RUA 10 - ESPINHO

*Casa Papagaio*

Joaquim Alves de Sousa

Mercearias finas - Vinhos das melhores procedências - Águas minerais

Rua 14 - 918 - ESPINHO

## O Turismo em Espinho

porque se continua a improvisar?

Continuado da pág. 16

Seja como fôr, não há portanto falta de Comissão. O que há é falta de Propaganda e Festas (pelo menos anunciadas com a devida antecedência).

Em minha opinião (e os factos parecem confirmá-la) as referidas Comissões, ou pelo menos a segunda cujos esforços passados são dignos de consideração, trabalham muito no verão e descansam demais no inverno, quando afinal parece que a organização, coordenação e propaganda turística deviam ser estudadas e planificadas no inverno, colhendo-se no verão os frutos do trabalho com tempo realizado.

Mas mesmo que assim não deva ser, o que de qualquer modo se observa é a ausência de progressos sensíveis relativamente à desorganização turística de outras épocas anteriores.

Muitas suposições se podem fazer à procura da explicação dum estado de inércia tão pouco recomendável:—ou o problema é considerado de somenos importância e foi relegado para lugar discreto na agenda das realizações locais, o que se me afigura um erro grave de que resulta um grave prejuízo para Espinho,—ou a exiguidade de meios impediu que qualquer coisa se fizesse, o que aparentemente parece revelar desinteresse das Comissões, pois muitos hão-de julgar que teria sido fácil obter o auxílio das Empresas particulares que em Espinho vivem do Turismo, pois para si próprias trabalhavam concedendo-o—ou então estamos todos completamente enganados e as Comissões fizeram todos os esforços para conseguir o auxílio das citadas Empresas para a realização dos seus projectos, mas depararam com o desinteresse total dos que afinal deveriam ser os primeiros interessados.

A verificar-se esta última hipótese, seria excelente que todos o pudessem saber, já para não se cometerem injustiças na apreciação da iniciativa e trabalho das Comissões, já para se ficar a saber quem afinal entravava a boa coordenação da vida turística local.

Na ignorância de quais os verdadeiros motivos de que resultou continuar paralisada a propaganda de Espinho, somente podemos constatar o facto deplorável de que se iniciou uma nova época balnear sem que se tenha feito o cartaz de Espinho, sem que fosse organizado um programa de festas e diversões capaz de seduzir o turista sem que se tenha feito o réclame e valorização que a praia merece e de que necessita.

Continuaremos mais um ano no regime das improvisações, com todos os defeitos e falhas às mesmas inerentes, e não é difícil de prever que mais uma vez à última hora se hão-de organizar programas de ocasião, com grande consumo de energia de alguns dedicados membros das Comissões de tal encarregadas.

Espinho não tirará desses esforços metade do proveito que alcançaria se o Problema Turis-



### Um pormenor...

Do pormenor se pode partir ao encontro de grandezas incomensuráveis, de qualidades fulgurantes e, também, de fraquezas mesquinhas e humilhantes.

Então, nos homens, os pormenores por mais pequenos que sejam atingem tamanho valor que bastam e sobram para a imediata classificação do indivíduo, atirando-o para as culminâncias da lua, deixando-o «pastar» na planície chata e rasa ou encharcando-o no lodo mais pôdre.

Mas, superior como o homem é a certas insignificâncias, ele o rei da criação—célula consciente (ou inconsciente!) de formidável estrutura que a tudo e a todos compreende—despreza pequeninas obrigações, esquecendo que elas são cascas de banana sempre prontas a roubar-lhe a posição vertical e a sugelitá-lo a andar a «quatro».

Está claro que falando do homem não podemos esquecer a mulher que nasceu dum costela dele e, por isso mesmo, enferma dos seus defeitos. E como depois deste palavreado que talvez pareça descabido, chegamos à mulher, vamos ao assunto que pretendíamos focar.

**Minha senhora:** Estou certo de que conhece e aprecia as mais elementares normas de higiene e os principais preceitos de civilidade. E' até capaz de defender com ardor, à mesa do Café (já que é moda em Espinho) ou nessas reuniões onde abunda a hipocrisia e o «chiquismo», aqueles princípios que fazem de nós pessoas limpas e decentes.

Porque será que, conscientes dos seus deveres e da sua educação, permite ou colabora num acto, infelizmente tão vulgar, indigno e atentatório da saúde do próximo? Porque será que autoriza ou sacode à janela e para a via pública, toda a casta de tapetes, mantas, panos, etc... atirando em cima de quem passa ou vai a passar uma nuvem de poeira cheia de micróbios e de miasmas de seu uso próprio? Nada justifica este uso que bastante ofende o princípio que tanto ama (!?)—amar ao próximo como a nós mesmos.

**Minha senhora:** A educação não se mede pelas pinturas e encadernações vistosas que vaidosamente passeia nem pela conversa, se, na prática, ela é «fiada».

Vamos a entrar num período de reabilitação ou ainda temos de agradecer por não vir, pela janela fora, algo mais concreto e pior do que o pó?

Não esqueça, minha senhora: este é um dos tais pormenores que pode ferir a dignidade e a personalidade de que é tão coisa.

O facto da demora na realização Local tivesse sido devidamente estudado e solucionado em tempo oportuno.

A. Nunes das Neves

### Cancelas

Já muito se disse e escreveu acerca da passagem de nível da rua 19. No entanto a passarela ali continua a desafiar o bom gosto de todos e a boa vontade de muitos. Sabemos que o problema é de difícil solução tanto mais que a discutida passarela é de reconhecida utilidade. Falou-se já em substituí-la por uma passagem subterrânea mas esta solução parece ser pouco viável. Deixemos portanto as coisas como estão.

O que não podemos de maneira nenhuma é ficar calados perante o estado de abandono da referida passagem de nível.

A C. P., todos os anos, costuma mandar pintar a passarela e reparar alguns dos seus degraus, o que este ano já sucedeu. Tudo isto é de louvar e contribui para um melhor aspecto estético do conjunto. Pena é que a pessoa ou pessoas que superintendem neste assunto não tivessem o cuidado de mandar fazer o mesmo às cancelas da referida passagem de nível. De facto ao visitante e até ao indígena aquilo lembra mais um armazém de ferro velho do que o ponto mais central dum zona de turismo de justificada importância. Seria fácil remediar o mal visto que a própria Companhia só teria a lucrar com a referida pintura pois esta contribuiria para a conservação do seu material.

### Obras de S.ta Engrácia

Sem dúvida que o abastecimento de água à Vila de Espinho é uma das mais prementes necessidades. Entretanto a resolução de tão magno problema tem-se arrastado penosa e demoradamente por longos anos. Eis, porém, que surge agora o plano de distribuição definitivamente aprovado, os respectivos serviços municipalizados e os empréstimos e subsídios necessários efectuados. A população, como aliás não podia deixar de ser, rejubilou e convenceu-se que desta feita a coisa ia para diante sem mais delongas ou burocracias enervantes. Para justificação via-se até numerosa falange de trabalhadores abrindo afanosamente as valas onde iriam assentar os respectivos canos condutores. Mas eis que surge—e em Espinho quasi se pode afirmar que no tocante a obras surge sempre um «mas»—um imprevisto:—a legião dos trabalhadores desapareceu como por encanto. E aquelas obras que todos julgavam ver terminadas dentro de curto espaço de tempo ficaram paralizadas a eternizar-se uma vez mais.

O facto da demora na realização de uma das maiores aspirações de toda a população da Vila não tem relativamente grande importância, pois a quem esperou

### Manta de Retalhos

## Um caso banal!

A minha mulher engana-me! Tôda a cidade o sabe e quando eu passo ouço risos abafados à minha passagem. Como se eu o não soubesse!

Mas que terão os outros com o caso? A mulher é deles?

Eu sei o que eles queriam: que eu me zangasse e matasse a tiro a minha mulher e o amante. Como se eu pudesse matar a minha mulher! Mas porque não mato eu o seu amante? Sim, porque não o mato? Mas para quê, meu Deus? Se eu o matasse ela arranjará outro. Haveria sempre outro, percebeis? E haveria sempre outro porque ela não gosta de mim!

Ela não tem obrigação de gostar de mim... Eu sou tão feio, tão mau...

Quem me mandou casar com uma mulher tão bela, tão bondosa? Ah, eu não a merecia. Só há pouco tempo eu compreendi isso. Mas era tarde. Sim, tarde. Eu compreendi. Eu era rico e ela pobre. Ofusquei-a com a minha riqueza e ela num momento de fraqueza cedeu e casou comigo. Foi um erro. Só agora percebo que foi um erro. Um erro que a fez infeliz e que a acorrentou a mim. A única atitude digna era matar-me. Sim, matar-me. Ela ficaria livre e seria feliz. Porque não o faço? Sim, porque não o faço? Porque sou cobarde. Tenho medo de morrer. Sim, tenho medo. Sei lá o que vem depois da minha morte! Sei lá!

Porque não me divorcio? Porque não posso viver sem ela. Não, não posso. Gosto de vê-la a meu lado mesmo sabendo que me engana.

Eu não me importo que se riam de mim. Mas não quero que se riam dela. Porque ela—tão boa, tão sensível—sofreria com isso. Desgraçado do que a fizer sofrer. Mato-o, como um cão. Como, a um cão. Não merece melhor sorte. Não, não a merece! Digam o que disserem; pensem o que pensarem. Eu gosto dela! Se ela me engana, isso é comigo. E' comigo, ouviram? Vocês não têm nada com isso. Absolutamente nada. Mesmo nada, ouviram? E terminemos com isto! Terminemos com esses sorrisos de dó à minha passagem. Porque eu sei tudo! Tudo! E não me importo! Nem me quero importar...

Oh! Como vos desprezo a todos... Eu também sei que vocês me desprezam. Não me importo. Mas nada desprezeis a ela, tão boa, tão sensível... Porque nesse caso, o caso é comigo. E então tudo muda de figura. Oh! se muda!

José Corte-Real (Do Diário de João José)

pela água 25 anos não é mais um que lhe vai fazer diferença. O mal, e é aqui onde queríamos chegar, é o estarem as ruas abertas a impossibilitar o trânsito e a oferecer um perigo iminente de uma criança ficar soterrada, pois os desmoronamentos das valas são constantes. O mal é o aspecto triste que tais obras quasi paralizadas proporcionam aos naturais e aos visitantes.

Não seria possível dar às obras um ritmo mais acelerado que afastasse todas as suspeitas de incuria ou incompetência?

# PELO DESPORTO

## ENTRADA EM CAMPO

### BALANÇO . . .

Após um ano de publicação do «Boletim» constata-se que ele tem sido o melhor elemento de propaganda da Académica e da sua actividade. O seu aparecimento serviu para dar a conhecer a Espinho as aspirações da sua camada jovem e demonstrar que a mocidade espinhense não vive descuidada e indiferente aos problemas da sua terra.

No que diz respeito à parte desportiva, a que pontifica nesta página, o Boletim veio tornar do conhecimento público o muito que a Académica tem feito e tenta fazer pelo Desporto. Da actividade desportiva da Académica pouco ou quasi nada sabia a população espinhense. Sabia-se que os seus atletas praticavam o oquei em patins e que uns tantos ou quantos «maduros» iam aos domingos para o Porto com uma «moca» na mão para dar tratos de polé a uma bolita qualquer.

O «Boletim» veio demonstrar que o Desporto era praticado conscientemente pelos atletas académicos que nele procuravam além da distracção o desenvolvimento físico e a saúde moral. O público espinhense teve a noção do interesse que a mocidade espinhense tinha de prestigiar, pelo desporto, o nome da sua terra.

Ao fim de um ano, fazendo o balanço da nossa actividade, cremos ter cumprido o nosso papel, denunciando os nossos defeitos e enaltecendo as virtudes daqueles que as merecem. Não nos moveu vaidades pessoais ou ressentimentos egoístas. Interessa-nos apenas trabalhar pelo bom nome da Académica e de Espinho, o que cremos ter feito e esperamos continuar a fazer.

P. M.

## Basquetebol

### 5 Minutos ao Telefone com ALVES TEIXEIRA

Desde há muito que desejávamos ouvir a opinião autorizada de Alves Teixeira, o famoso treinador do Vasco da Gama, o mago do Basquetebol português, sobre os problemas relacionados com tão bela modalidade desportiva, e apresentá-la ao exame crítico dos amáveis leitores do «Boletim». Porém devido a circunstâncias várias, não nos fôra, até agora, possível realizar semelhante desejo.

E como não surgisse oportunidade alguma para tal fim, um dia destes tomamos o auscultador do telefone e eis que, momentos depois, estávamos conversando muito amavelmente com o famoso técnico e articulista. Da conversa havida (entrevista, se os estimados leitores derem licença) resultou a prosa que se segue.

A primeira pergunta que lhe desfechamos incidiu sobre o panorama actual do Basquetebol português e das suas possibilidades reais. Alves Teixeira, sentindo-se no seu verdadeiro meio, respondeu-nos quasi de chofre:

—O panorama do Basquetebol português é no momento presente de veras animador, mas será uma autêntica realidade, quando os clubes dedicarem o melhor do seu esforço às categorias de Júniores.

—Como se lhe apresenta o Basquetebol português perante o dos demais países europeus?

—Dada a situação geográfica do nosso país, não tem havido grande contacto com os outros

países. Limitamo-nos a uns jogos com a Espanha e Brasil, jogos que nada de novo nos tem trazido, afim de podermos atingir o nível técnico dos grandes centros basquetebolísticos da Europa.

—Com uma selecção bem escolhida podemos ganhar à Espanha?

—Temos até obrigação de lhe ganhar, mas para tal impõe-se que a selecção seja bem escolhida e preparada com a devida antecedência. É a grande base da equipa nacional teria que ser encontrada na província, isto é nos clubes de Coimbra e do Porto.

—Conheceu o Basquetebol nortenho a sua idade de ouro e o lisboeta a sua decadência?

—Na verdade, o Basquetebol nortenho teve este ano a sua idade de ouro. Campeões e sub-campeões de Portugal, finalistas ou possíveis campeões nos campeonatos nacionais da I, II e III divisões, tudo isto atesta a culminância atingida pelo Basquetebol no Norte. Mas isto, meu caro amigo, só foi possível, graças à larga acção que as equipas do Porto e de Coimbra vieram desenvolvendo, de longa data, junto das camadas juvenis. Em Lisboa, decaiu-se porque os clubes principais têm uma grande parte dos seus jogadores numa fase adiantada de veteranía e não atentaram, como devia ser, no problema dos Júniores.

Continua na pág. 2

## Escândalos do Oquei em Patins

### Um relatório desonesto e as habilidades de Correia de Brito

O jogo do dia 4 deste mês foi mais um acontecimento lamentável para o Oquei em Patins, no Norte. As consequências ainda mais...

Um jogo Académica de Espinho — Académico do Porto não corresponde, positivamente, a um Paço de Rei — Paço d'Arcos. A circunstância de ser disputado em Espinho pode levar-nos a admitir uma vitória da Académica, embora o sr. Correia de Brito seja de opinião de que qualquer outra equipa se limita a perder por mais ou por menos quando é defrontado pelo Infante ou pelo Académico.

Reconhecemos a superioridade destas duas formações, mas não aceitamos o dogma do sr. C. de B., elemento do Académico.

Admite-se, portanto, dado o entusiasmo pôsto na luta, que a presença dum árbitro capaz se torna absolutamente necessária.

Mas, tal não aconteceu. A Associação de Patinagem do Norte indicou um árbitro inexperiente. Medida manifestamente des acertada e, parcialmente, originária daquela tarde de má memória.

Dizemos parcialmente por atribuímos culpas também a alguns jogadores, nomeadamente C. de B., comentador da modalidade nas colunas de «O Comércio do Porto» que habitualmente ornamenta com os seus notáveis escritos plenos de isenção e honestidade.

Este extraordinário atleta — e o tem dito — tomou na devida consideração a fragilidade da arbitragem e deu início ao jogo perigoso. Cremos que uma bola cortada com violência é jogo perigoso e ilegal. O guarda-redes da Académica de Espinho, Aníbal Lacerda queixou-se da violência dum bola que lhe bateu no peito, seguida dum carga desleal... Outras foram apontadas do mesmo modo...

Alberto Alves retribue ostensivamente.

Tanto pior para a Académica de Espinho. O sr. dr. Oscar de Carvalho é o delegado indicado pela Associação. Regista a atitude ostensiva e fecha os olhos à instigação.

O mesmo «desportista» — ele, também, o tem dito —, C. de B., depois de ultrapassado por João Gonçalves, procura recuperar o terreno perdido, entalando o stick nos pés do patinador da Académica. A queda é perigosa, mas, felizmente, sem consequências.

João Gonçalves limita-se a mostrar o desejo de retribuir e a fazer uma advertência.

O sr. dr. Oscar de Carvalho, registou a atitude de João Gonçalves e não pôde ver a subtilidade do valoroso e leal C. de B.

Felizmente para o sr. dr. Oscar de Carvalho, João Gonçalves não precisou de auxílio para se levantar. Doutra modo seria difícil deixar de ver a origem do acidente.

Já não atribuímos tal felicidade ao sr. C. de B., ilustre cri-

tico desportivo, por lhe não custar omitir a verdade. Mas não é só isto que não custa ao sr. Correia de Brito, «eficiente oquista do Norte, que bem merecia, pelo menos, ver discutida a indicação da sua pessoa para o lugar que Alvaro Lopes ocupou na equipa que nos deu o primeiro campeonato do Mundo».

O sr. C. de B. esquece acontecimentos do Oquei em Patins que merecem registo, noticia os treinos de apuramento tático do Académico do Porto e calunia o adversário duro de roer, fazendo, simultaneamente, o elogio da sua pessoa com o descaro tão próprio do apóstolo do desportivismo em que se tornou.

Outras cenas desagradáveis se seguiram no decorrer do jogo.

Manuel Fernandes, do Académico do Porto, foi expulso por discutir decisões do árbitro. Um jogador das reservas do Académico foi expulso do recinto por insultar jogadores da Académica de Espinho. André, do Académico do Porto, teve a imprudência de insultar João Gonçalves, de tal modo, que o público ouviu. Alguns jogadores da Académica de Espinho procuram não desafinar depois de obtido o lamiré...

Penaliza-nos bastante não estarmos de acordo com o sr. C. de B. quando fala «nos instintos de maus desportistas de certos jogadores da A. A. de Espinho.»

Bem sabemos que a circunstância do sr. C. de B. ter participado nos acontecimentos, em plano destacado, (ele gosta dos primeiros planos), não lhe retira isenção nem, tampouco, altera de modo algum a serenidade tão necessária para noticiar honestamente, em «O Comércio do Porto», as tropelias de alguns elementos da Académica de Espinho e a candura dalguns jogadores do Académico do Porto que «nunca intervieram em discussões, nem em jogo violento», nem chamaram nomes feios, nem nada.

Não nos espanta a forma grotesca deste exemplar que tem por nome Manuel Correia de Brito, se o último nome não é uma perpétua gralha tipográfica. Espantá-nos, sim, a presença e o atavismo com que lavra sudários de parvoíces nas colunas de «O Comércio do Porto» e o atrevimento com que diz o que lhe apetece ao microfone da Emissora Nacional.

Talvez o benefício dos que lucram com o mal do alheio seja explicação...

Mas regressemos, à origem destas considerações.

Por motivo do relatório do sr. dr. Oscar de Carvalho, João Gonçalves foi castigado num jogo, Armando Morais em quatro e Alberto Alves em oito. Reconhecemos o mau procedimento do primeiro e do último, embora consideremos fortíssima atenuante a circunstância de terem sido provocados. Não sabemos nem ninguém sabe dizer-nos porque foi castigado Armando Morais.

Continua na pág. 2





Direcção de Florentino Goulart Noqueira

## BREVÍSSIMOS APONTAMENTOS PARA UMA TEORIA DO CONHECIMENTO

As formas sensíveis não têm nenhuma correspondência com a Realidade, pois a Realidade é igual a si mesma e obedece ao princípio de que «uma coisa não pode ser e não ser, ao mesmo Tempo e sob o mesmo aspecto». Uma coisa não pode ser toda preta e toda vermelha: contudo isso depende do órgão visual, pois há daltónicos que dirão preto o que nós dizemos vermelho. Uma coisa não pode ser toda redonda ou toda oval, mas isso depende da lente visual que nos dá uma forma da imagem, quando outra lente nos daria uma forma diferente. Nem se diga que são excepções, pois se todos fôssemos de tal maneira, o geral de hoje seria excepção. Ora as realidades continuavam, mas as suas aparências mudariam. Sabemos, ainda, como são relativas as sensações de frio e quente, de som e de colorido, etc. Logo, as formas sensíveis são, apenas a realidade em nosso sentidos e não em si mesmas (porque os nossos sentidos, é-lhes impossível adaptarem-se às realidades, reduzir-se a elas, e, por isso, reduzem-nas a elas).

As realidades não são ainda quais a inteligência as supõe. Porque o conhecimento intelectual assenta sobre o conhecimento sensitivo. Das realidades, portanto a inteligência auffer só uma transposição ou imagem. A teoria platónica das ideias possui muito de exactidão. Nós somos como quem se encontrasse numa caverna, de costas voltadas para a entrada. As ideias (realidades) são como os objectos que passam nessa entrada e dos quais as sombras (realidade apreensível, aparência) se projectam na parede do fundo da caverna. Das realidades, pois, a inteligência só pode ver uma tradução incompleta e falsa. Assim como os sentidos visuais não nos fornecem, sem a aprendizagem dos outros sentidos, a noção dos volumes ou dos desníveis, nem a exactidão das cores e das formas, antes nos dão imagens em superfície, erradas e falsas, assim também à inteligência escapam caracteres essenciais das realidades, os quais estão para a inteligência como aqueles outros estão para a vista.

Como poderemos, então, conhecer?

Toda a Realidade ou nos aparece ou não aparece. Aquela que não nos aparece, não temos que notícia dela e, portanto, é inexistente para nós; não nos inte-

ressa. Toda a Realidade que nos aparece é, portanto, uma Realidade conosco. Podemos, visto isso, dizer que toda a realidade (reservo esta expressão para a Realidade que nos aparece) não é puro mundo exterior, nem puro mundo interior (Homem), mas sim consórcio do Homem e do Mundo. Evidentemente que eles existem cada um de por si, mas só os tocamos, os apanhamos, os conhecemos, temos consciência da sua existência, através do seu consórcio. Porque todo o conhecimento supõe um conhecedor e um conhecido; todo o conhecimento é consórcio, identificação do conhecedor e do conhecido. Se, portanto, toda a Realidade existe com o Homem, vejamos a natureza do Homem, porque só assim veremos a melhor forma de identificação do Homem com o mundo exterior.

O Homem é matéria e espírito, corpo e alma. A matéria, ainda, tem a sua nobreza, o seu espírito: os instintos. Podemos, então, classificar assim a natureza humana:

Homem	}	matéria (sentidos)	}	alma da matéria (instintos)
		alma espiritual		emoção
				vontade

Ora, como eu ia dizendo, todo o conhecimento é uma identificação. Para conhecer uma coisa, precisamos de sentir a sua natureza no que a nossa natureza lhe é redutível. Todo o conhecimento, pois, tem de ser identificação do mundo exterior com um dos constitutivos da natureza humana (ou destes constitutivos consigo próprios). Também por outro lado, é evidente que só a inteligência compreende. Por isso, todo o conhecimento, para se completar, tem de se ordenar segundo uma tradução intelectual: só se completa na inteligência. Isto assente, examinemos as possibilidades de aplicação da natureza humana. Já dissemos, anteriormente, que os sentidos (matéria) nos dão imagens falsas da Realidade. O conhecimento dos instintos (alma da matéria), embora superior ao dos sentidos, sofre de muita obscuridade, vago, campo restrito, e não pode transmitir-se à inteligência. Logo, só nos resta o conhecimento espiritual. Ora a natureza espiritual do Homem aplica três processos que a Igreja Católica chama potências: *emoção, inteligência e vontade*. A última é, apenas, activa. Já vimos que as realidades se nos

apresentam ou como formas sensitivas ou como revelações emotivas. A inteligência toma-as ou abstractamente ou abstractivamente, segundo um processo chamado «intelectual». Este processo é matemático, dedutivo-indutivo, analítico, exterior aos objectos, esquemático. Se toma objectos abstractamente, é pura convenção, pura criação intelectual, não poderá, afinal, ter qualquer correspondência real, exterior a si própria... (existe esse modo: abstractamente?) e seria a Realidade em si mesma (o que é absurdo, pois procederia do nada e seria o nada, portanto...); se toma realidades abstractivamente, abstrai os dados sensitivos ou os emotivos, quer dizer, é um conhecimento assente no conhecimento sensitivo ou no emotivo. Ora o conhecimento dos sentidos é falso, errado, deformador, como geralmente anda aceito. Donde concluímos que o conhecimento intelectual, sem bases directamente sensíveis à verdade, é errado e falso. Porque todo o conhecimento é identificação. Para conhecer uma coisa, precisamos de sentir a sua natureza no que a nossa natureza lhe é redutível. Para na inteligência ressoarem as realidades, como ela não logra igualar-se às realidades, iguala-as a si, isto é, geometriza-as, sistematiza-as, intelectualiza-as. Importa, pois, que esta deformação não seja muito grande; e, para isso, importa que as realidades se apresentem à inteligência numa tradução perfeita, quer dizer, apreendidas por uma faculdade ou potência humanas que não precise de reduzir a si as realidades, mas que seja, por sua natureza, vibrátil em presença delas.

Já eliminamos, anteriormente, as faculdades puramente sensitivas e as puramente instintivas. Das faculdades espirituais, eliminamos a inteligência, como meio directo, e a vontade (de função apenas activa). Resta-nos somente a emoção.

De facto, nada se opõe a que a consideremos verdadeiro processo de conhecimento. Ela é de natureza imediatamente totalizante; a inteligência de natureza especulativa. A primeira pode vibrar perante o concreto pela vibração do que o concreto reveste (tal uma caixa de ressonância); a segunda navega sempre no abstrato, ainda quando se apoia no concreto. A primeira existe conforme a identificação de dois similares; a segunda explora-se e devora-se a si mesma como Ugolino aos filhos. A emoção em nós, afinal, reduz-se ao frémito da Realidade. Esta chama-nos e a emoção entende o chamamento; floresce e a emoção é o seu perfume.

Florentino Goulart Noqueira

## Biografias

**Berta Alves de Sousa** — Ao piano, é uma intérprete de valor. Compositora, conferencista e crítica; sempre artista com alma, correção e nervos. Inteligente e culta, foi discípula, em música, dos melhores mestres alemães desta época.

**Carlos de Moraes** — Nasceu em 1892. Autor de bellosimos sonetos escultóricos e naturais como água corrente, de maravilhosas quadras e de poesias clássicas e modernistas, publicou vários livros, entre os quais «Aleluia» e tem para publicar 4 volumes entre os quais «Chão movediço» (poesias).

**Emílio Machado** — Nasceu em 8 de Abril de 1932. Apesar dos seus 16 anos, é já um poeta, inteligente e com sensibilidade, senhor de uma forma que, dia a dia, se está depurando. Vai frequentar o 7.º ano de Letras do Curso Liceal.

**João de Albuquerque** — Tem 25 anos. É um apaixonado pelos assuntos históricos, sobretudo pela Alta Idade-Média. Anda a preparar um livro de poesias, outro de história e vai escrever num semanário português artigos sobre política. A sua obra poética, em cânones moderníssimos, não abandona jamais a inspiração, o eterno sentimento.

**João Gaspar Simões** — É alguém conhecido em todo Portugal e ainda no estrangeiro. Formou-se em Direito. Foi um dos fundadores do movimento *presencista* (do qual darei os, aqui, notícia). Crítico de grande linhagem, romancista e novelista, teve um papel importantíssimo e uma vasta influência na intelectualidade e na cultura literária portuguesas. Entre as suas obras mais notáveis, contam-se: «Pântano» (romance), «O mistério da poesia» (ensaio), «Liberdade de espírito» (estudos e crítica). Nasceu em 1903.

**Joaquim Lopes** — Ver referência na 2.ª pág.

**Jorge Pelayo** — Foi designado para promover a introdução do Cinema Educativo na Universidade, fundou um dos primeiros cine-clubes (na sua essência), fez parte da redacção de *Filmagem e Cinema*, assinou a crítica cinematográfica nos diários *Vitória e Baliza*, introduziu os assuntos de cinema no texto de *Rádio Nacional*, colaborou em dezenas de jornais e revistas, sobre História, Poesia, Arte Moderna, Teatro, Rádio, etc. Dirige a página de espectáculos de «A Nação» e é correspondente cinematográfico de revistas espanholas, suíças e italianas. Publicou «Cinema de Vanguarda»; e tem no prelo «Grandeza do Cinema Britânico» e «Sétima Arte, Sétima Arma», do qual hoje damos um trecho inédito. Pertence à direcção do mais importante cine-clubes português. É incontestavelmente, em Portugal, um dos grandes valores da moderníssima geração.

**Pedro Homem de Mello** — Nasceu em 1904. Formou-se em Direito e dirige a Escola Comercial Mousinho da Silveira. É um dos grandes nomes da poesia portuguesa de hoje. Publicou 7 livros de versos, dos quais o último foi «Bódas Vermelhas», e prepara mais um: «Escola».

**Renato de Valnegro** — Prepara 2 livros interessantíssimos: «Ritmo» (com que ele pretende fazer algo de novo na Poesia portuguesa) e «Peixes, estrelas e homens», «Versos de Comunhão Universal», sombreados, filosóficos e líricos. Valnegro nasceu em 1927 e, até hoje, publicou, apenas, neste «Boletim».

**Bolestião da Gama** — Tem 26 anos. Formou-se em Letras pela Universidade de Lisboa. Actualmente, encontra-se em Paris, em missão de estudo. Publicou «Serra-Mãe» (1945) e «Cabo da Boa-Esperança» (1948), livros de poesia que foram muito bem acolhidos pela crítica e pelo público. Foi traduzido para francês o «Cabo da Boa-Esperança».

**Teixeira de Pascoais** — Joaquim Teixeira de Vasconcelos nasceu em Amarante em 2 de Novembro de 1878. Formou-se em Direito, advogou durante anos, mas retirou-se, afinal, para a pacificação profunda e reveladora da sua Quinta de Pascoais. Foi o fundador, o Filósofo e o Poeta do movimento saudosista (de que ainda falaremos, neste jornal). Publicou vários livros como «Sombras», «Senhora da Noite», «S. Paulo», «Napoleão», etc. Tem, prontos a publicar: «O Anjo e a Bruxa» (romance), «O Advogado e o Poeta», «Biografia do Sr. Fulano», «Cartas a uma Poetisa», «Idílio» e outros. Pascoais é um dos maiores génios da nossa Literatura e o maior Poeta vivo do mundo.

**Vasco de Lima Couto** — Nasceu em 1924. Publicou o seu primeiro livro («Arrebol») em 1943, e o segundo («Romance») em 1948. É um declamador de mérito que se estreou em 1945 pela mão de Alves da Cunha. Recitou na Faculdade de Letras de Lisboa, em Castelo Branco, no Porto, em Coimbra, etc. Na geração novíssima de poetas, tem um lugar de Poeta autêntico.

# Marques de Oliveira

Excerto do livro, em preparação, sobre o ilustre pintor português

Marques de Oliveira, para mais perfeitamente completar a curva ascensional do seu elevado merecimento, como bom português, não deixou de dar à vida marítima das nossas praias de pescadores, auscultando e interpretando o espírito dessa pobre gente, cheia de grandeza e abnegação, o honestíssimo esforço do seu muito saber. A sua sensibilidade de artista, afeita à tranquilidade e delicadeza dos motivos de figura e paisagem, não deixou também de ser tocada pela graça triste dessa raça, vinda de raízes distantes, nascida para a labuta do mar, e para quem não é possível outro género de trabalho.

O artista não nos deu o movimento intensivo da vida piscatória, o torvelinho desordenado das figuras que gritam, correm e se misturam confusamente. Também o não seduziu a tragédia, o drama que faz do mar — algoz destes homens — o seu estranho e misterioso túmulo e que, com a ajuda dos raios solares lhes enegrece as máscaras, enchendo-as de característicos e incontáveis sulcos. Esses mesmos vincos dir-se-ia produzidos pelas lágrimas resultantes da dor dos que no mar sucumbem, tornando-lhes o olhar mais claro, mais profundamente diluído, sempre distante, sempre na sua vasta imensidade sepulta.

Todo este estranho mundo de luto e dor foi observado de modo bem diferente, — sob o aspecto da resignação, sem esgaras nem violência de movimentos, com a maior serenidade, dando-nos a alma enlutada de homens que não sabem cantar nem rir, que nasceram para viver e... morrer no mar. Raça heroica de gente sem o menor receio ao perigo que o mar possa oferecer-lhe. Sabendo-o enfrentar, expondo-se valorosa e denodadamente, nele mergulham, atravessando-o, rompendo-o sem outra couraça que não seja o seu arqueado e fortíssimo peito, dois remos manejados por musculosos e rijos braços e nada mais tendo como anteparo além da meia dúzia de tábuas de que se compõe um pequeno barco. Ainda neste, e em lugar próprio fica registada a bem sugestiva divisa «Senhora da Guia», ou «Senhora da Esperança».

Nos seus pescadores poveiros ou da Aguda, o mestre insigne traduz-nos o drama contido desses pobres e dignos heróis em atitudes calmas, dando vida interior à rigidez bronzeada das máscaras e exprimindo como nítido sentimento tudo quanto de enigmático possa existir nos seus olhares tranquilos e distantes.

As mulheres, quase sempre acompanhadas de numerosa prole, sentadas na vasta orla marítima — hábito vulgaríssimo na gente das praias portuguesas — é na vastidão imensa do Oceano que o seu olhar, repassado de nostalgia e sofrimento se alarga e confunde. Vivem permanentes e eternos an-

seios procurando não perder de vista uma ou outra velasita que, lá longe, ora se esconde, ora lhes surge como um ponto oscilante, a pequenina mancha clara, expressivo sinal de esperança e de vida...

São essas atitudes, esses pequenos grupos serenos, quase espectrais, plenos de vida interior, máscaras bronzeadas e terrosas, duramente vincadas, corpos ordinariamente envoltos em trajas escuros — a cor triste e dominante dos grandes conjuntos dos bairros piscatórios — que de maneira mais frequente prenderam a retina e o espírito do grande artista.

São os homens compoendo as redes, pensando no mar e na família, fazendo passar a linha, que em perfeito ritmo se entrelaça, prendendo-se intimamente, amorosamente como à própria vida.

O Mestre ilustre pintou em óptimo e castiço português assuntos, porventura, semelhantes nas diferentes praias do Atlântico; mas pelo espírito e caracteres etnológicos do povo já mais eles deixaram de ser nitidamente lusitanos. Quão distante o vemos de alguns dos seus contemporâneos franceses e espanhóis — para outros não citar — que trataram temas idênticos!

Não existe comparação possível, pelo menos entre três dos maiores, que são: o exuberante e audacioso Sorolla, o dramático Charles Cottet e o seu inseparável amigo, o vibrante e saudável Lucien Simon.

Contrariamente à maneira de qualquer dos citados artistas, em especial Lucien Simon e Sorolla, Marques de Oliveira, sobretudo nos trabalhos deste género e de realização definitiva, não seguiu os processos ou expressões técnicas dos camaradas Impressionistas. Ao seu insistente, calmo e bem compreendido desenho não podia ligar-se outra cor que não fosse a que enternecida e superiormente lhe ajustou.

O desenho e a cor devem intimamente conjugar-se para atingir a razão mais alta e harmoniosa da luz. Quem dirige uma e outra é a superior receptividade do artista, é o seu próprio génio criador.

Plasticamente podem os seres e as coisas ser interpretados pelo conjunto de pormenores inteligentemente resolvidos e vinculados como em Dürer ou Botticelli, como em nossos dias em certos casos de Cézanne, ou como em Rembrandt e Carriere, em vastas manchas de luz e sombra reduzidas a um gesto ou expressão essencial.

Camilo Mauclair diz: — «E' a luz que cria o desenho; o quadro, no seu conjunto, não é mais que o desenvolvimento sinfónico da luz.»

E' nessa sinfonia de tons neutros, de tons baços e tristes, nas gamas harmoniosamente ricas que Marques de Oliveira envolve e domina o aspecto sóbrio e correcto das suas admiráveis figuras.

Joaquim Lopes

## À procura da felicidade

**Narciso de Azevedo** — Nasceu em 3 de Março de 1888. É professor da Escola Industrial Faria Guimarães e é Bibliotecário da Biblioteca Municipal do Porto. Publicou vários livros, entre os quais «Auto da perfeita Menagem» (prosa), «A Cigarra de Teócritos» (verso), «A arte literária na Idade-Média» (verso), «A arte literária na Idade-Média» (verso), «A arte literária na Idade-Média» (verso), «A arte literária na Idade-Média» (verso), etc. É um estudioso inteligente, probo e culto, um estilista claro e proporcionado, e é, talvez, o espírito mais delicadamente, mais poéticamente humorista da Literatura Portuguesa em nosso tempo.

O Macaco, observando o Homem para negociar prósperamente com êle, acabou por estabelecer-se como adelo. Teimosamente afeito a antigualhas, usando com prazer velhos hábitos, o Homem foi com facilidade atraído pela erudita e antiga lenda que reclamava a frontaria do improvisado negociante de velharias: *Nihil novi sub Sole*. «Nada de novo debaixo do Sol» — traduziu literalmente o Homem as palavras do *Eclesiastes*.

O Macaco, ao ver entrar a tão esperada visita, começou logo a assoalhar o estendal de fatos mais notáveis para a vida gloriosa do Homem: «Este par de asas!... Como é o rei dos animais, estas asas devem assentar-te bem — foram empenhadas por uma águia real que decaiu de fortuna. Pertenceu à mais alta sociedade: frequentava os mais altos montes, pairava sobranceira às nobres montanhas, mantinha fidalgos diálogos com o sol, era familiar das soberbas nuvens e visita das estrelas, e tratava por tu o Céu». O Homem, que desconfiava dos negociantes, comentou com ironia: «Por bem pouco que a Dona Águia se não entendia com os Deuses...». O adelo, fingindo não compreender o tom irónico, apressou-se a esclarecer: «Foi a amiga íntima de Júpiter e andava em dia com todas as intrigas do Olimpo. O pai dos Deuses não dava um passo ousado sem a Águia. Não aventurava um pensamento sem ouvir-lhe os conselhos. E quando falava aos homens, os seus divinos ditames pairavam superiormente como asas de águia».

Afirmando-se muito solícito negociante, obrigou o Homem a envergar o par de asas. O freguês apreciava: «O voo nunca assentou bem num prudente mamífero. Um par de asas é muita coisa para um homem só. E' uma indumentária unicamente para Deuses. Empenhando as asas, que rumo levou a Águia real?» Com solicitude o Macaco elucidou: «Depois de exercer a vida alada durante setenta anos, aposentou-se na áurea mediocridade, onde os homens engordam prósperamente, arredondando-se cada vez mais numa tendência natural para zero... Deixando o voo, empenhando as asas, não podendo continuar a vida alada, voltou as costas contra o Futuro e, revolvendo o Passado, perde o tempo a ditar as suas memórias a um velhíssimo Corvo.» «A áurea mediocridade! — exclamou ansiosamente o Homem — Tens alguma andaina que lhe diga a carácter?» Só se for a indumentária gloriosa do Académico — esclareceu o Ma-

## Caminho

**Dante Albuquerque** — Nasceu em 1925. Dedicou a sua atenção a assuntos de Biologia, mas também a Literatura e o Solista. Tem quase pronto um livro de contos «As sete cores da vida», onde segue uma técnica pessoal, mas onde a vida estua, para além da forma.

O comboio marcha na escuridão. O monstro sólido e implacável, negro, o monstro segue pelo negrume. O túnel aparece com bôca dum monstro maior a devorar o outro. Mais negro ainda, semeado de luzes artificiais. E, cé fora, a noite possuía as estrelas. Mas a luz, nestes luzeiros e naqueles, é toda natural, não é certo?

O comboio marcha na escuridão, com resfolegar isócrono, monótono. O seu destino é marchar para voltar de novo a fazer um caminho igual, em circunstâncias diferentes. Este comboio, conheço-o, o viajero da noite, o soturno inquisidor de manhãs claras. As manhãs, porém, existem apenas, para os outros: se é que algum comboio já viu a madrugada. O coração do comboio palpita... sente-se, escuta-se, a palpitar. A voz do comboio grita: a angústia do seu apêlo dilacera a escuridão. Mas os farraços dos lutos são luto ainda e sempre. São luto e ainda mais. Ao lado, em redor, o mundo continua alheio ao comboio, talvez numa intimidade profunda com o comboio que marcha, desesperadamente fatalista e indiferente, pelo mesmo trilho paralelo e igual. Faúlhas riscam de sangue em luz, ponteiam os trapos de luto. Carvões, cristais da amargura, da revolta, do ódio do comboio, carvões descem até ao solo por onde o monstro caminha. De longe em longe, há cidades; mas dormem. Nas bermas há árvores, embrulhadas na sombra e no irreal. Entrementes, algo permanece e se multiplica e se renova.

Um túnel: a morte. Um comboio: o homem. Uma noite: a vida. Sim. Tudo, tudo só escuridão.

Dante Albuquerque

### No próximo número colaboram:

Alberto de Serpa, Amorim de Carvalho, Matilde Rosa Araújo, Teixeira de Pascoais, José Régio, etc.

caco. E amortidou o Homem com a farda dum Imortal. O Homem rejubilou, como sempre acontece a quem alcança a realização dum antigo desejo. Declarou-se até o ser mais feliz do mundo.

Junto da loja do adelo passou um Centenário, nomeado o Mágico pelas multidões. Como de costume, falava só consigo e em voz alta: «A maior felicidade está na velhice quando não ganha rugas na alma e, na viva e remocada tradução das ideias e sentimentos, nos dá a impressão de pintar os cabelos de branco».

Narciso de Azevedo

# O Romancista

## e o seu meio

de JOÃO GASPAR SIMÕES

Numa das suas Conferências no Prata, o romancista José Lins do Rego, ao ocupar-se das Tendências do Romance Brasileiro, afirma com grande clareza: "Para viver, para ser uma literatura sem falsa grandeza, sem mistificação, o romance brasileiro só tinha um caminho: era dirigir-se para o povo, que era a nossa originalidade". Parece-me não haver, de facto, outro caminho quando num país, novo ou velho, o romance nacional não pode mergulhar as suas raízes num húmus humano suficientemente rico.

Muitas vezes tenho afirmado que em Portugal o único romance que nos patenteia uma certa força nativa e uma certa pujança natural é o romance rústico, pois fora da classe rural portuguesa, não há, ainda, entre nós, um sedimento humano capaz de suportar a expressão sobrecarregadamente concreta, e de um concreto que exige autenticidade, que é a expressão novelística.

Descarnada como é a poesia, descarnada como é o teatro não-realista, descarnada como é toda a literatura que se reporta directamente à fonte dos sentimentos e das emoções, deixando um pouco de lado a carne da vida social em que esses sentimentos e essas emoções encarnam sempre que são vividos no plano da existência, tal literatura, sendo descarnada, não exige do escritor identificação concreta com a própria realidade em que esses sentimentos e essas emoções tomam corpo. Isto explica que a poesia, o teatro poético, o ensaio, a eloquência, a crítica possam desabrochar, abstractamente, sobre um plano de realidades restrito na sua matéria cultural. A presença de uma pequena elite cultivada numa vasta mancha social inculta é quanto basta para explicar a existência de uma geração como aquela que deu a Portugal, Oliveira Martins, Antero de Quental ou Ramalho Ortigão. Já não chega para justificar a existência de um romancista como Eça de Queirós. Por isso mesmo Eça de Queirós foi considerado um produto expúrio da literatura portuguesa e o seu romance ainda não deixou de ser acusado de superficialmente humano. Com efeito, erudito como é o elemento histórico, abstracto como é o elemento poético e negativo como é o elemento crítico, não precisou Oliveira Martins, como não precisou Antero ou Ramalho de outra matéria prima para a sua obra de historiador, de poeta e de crítico de costumes que não fôsse aquela que o seu país lhes proporcionava. Do alto do seu restrito núcleo cultural de escol, puderam estes escritores exprimir as reacções que experimentaram em frente da realidade que era o quadro dos valores humanos portugueses, quer consubstanciados na sua história, quer na apreensão da própria fatalidade do seu destino, quer nas condições da sua rudimentar civilização. Isto explica que todos eles tenham sido acusados de derrotistas ou negativistas e que os únicos períodos da nossa literatura em que reina um certo optimismo foram exactamente aqueles em

que os escritores ou por serem povo — e reporto-me à poesia vicentina — ou por serem cortesãos empolgados por uma falsa prosperidade histórica — e reporto-me aos cronistas de quinhentos e ao próprio Camões — ou por serem simples clérigos — e reporto-me ao nosso jesuítico seiscentismo — ou por serem um enxerto helénico — e reporto-me aos nossos árcades — não se deram conta, criticamente, do abismo que separa a nação, o povo, do pequeno núcleo dos seus espíritos cultos.

De facto, é a partir do século dezoito, data em que começam a aparecer entre nós os homens que foram ao estrangeiro e tiveram ocasião de verificar o espantoso atraso do nosso país, que principiou a acentuar-se o viés crítico, pessimista ou negativista da nossa cultura. A geração de 70 foi aquela que suportou com maior vigor o embate e que com maior coragem causticou as feridas do nosso atraso. E' com esta geração que o romance português tenta, pela primeira vez, deixar de ser lírico, abandonar o modelo histórico, renunciar à sua identificação com o povo e fazer-se actual e burguês. Eça de Queiroz é o nosso romancista que primeiro se propõe estudar uma classe da nossa sociedade com a qual se não considera identificado. Posto Camilo haja causticado o brasileiro de torna-viagem e o burguês do Porto, a verdade é que nas suas novelas há ainda uma inteira identificação entre o novelista e o meio que pinta. O povo, o povo rústico, é aliás, o verdadeiro material da obra do grande escritor. Não se palpa ainda nas novelas do solitário de Seide aquela desintegração entre o quadro pintado e o pintor que é apanágio de um romance em que o romancista assume a posição de crítico de costumes. A burguesia, como classe, vai entrar, pela primeira vez, no romance nacional, o qual renuncia de todo ao povo e à rusticidade. Realmente, Eça de Queirós, ao contrário de Júlio Diniz, em cuja obra ainda há uma romântica confusão entre as duas classes — a do fidalgo, aburguesado, e a do lavrador saído do povo — é um tipo novo de romancista em Portugal. E o seu esforço para criar um romance cuja matéria humana seja outra que não aquela que até aí servira para debuxar os nossos quadros romanescos traduz-se, exactamente, na superficialidade dos sentimentos que vai transmitir às suas personagens e no modo depreciativo ou caricatural como vai tratá-las.

Sim, José Lins do Rego tem razão. E' no povo que está a originalidade de toda a literatu-

ra. No povo está, antes de mais nada, a originalidade do romance. Mas nesta palavra "povo" abranjo eu não só o povo propriamente dito, isto é, o terceiro estado, mas toda a massa populacional de uma nação, seja qual for a classe ou estado a que pertença, na medida em que essa massa populacional afirma qualidades e ostenta características de uma forte originalidade humana. Em países como a Inglaterra o romance não precisou de ser rústico para afirmar uma originalidade étnica. Pelo contrário, o romance, em Inglaterra, foi sempre, mais ou menos, da classe média. A identificação do romancista com o seu meio fez-se sempre, naturalmente, dentro da sua própria classe. E' aliás o que acontece em França. Balzac vai mais longe: estuda mesmo uma classe superior à sua. Isto prova que a riqueza humana da classe média inglesa ou francesa não desmerecia da riqueza intelectual dos escritores que sobre ela fixavam os olhos. Quer fosse crítico ou não esse olhar, o certo é que do golpe de vista de uma Jane Austen ou de uma George Eliot não saía uma imagem caricatural e pobre de elementos humanos: mas romances carregados de sentido interpretativo dos problemas emocionais, psicológicos, morais ou sociais da classe focada. Tal não é o caso do golpe de vista que o nosso Eça de Queirós lança sobre a classe média portuguesa. O tom sarcástico e caricatural das suas figuras e a feição crítica dos seus conflitos mostra claramente que o nosso romancista de *O Conde de Abranhos* não podia identificar-se com o meio que pintava: estava muito para além dele. Este meio não lhe oferecia um quadro de sentimentos e de aspirações, de paixões e de conflitos, com expressão própria, com elevação suficiente para entrar, pelo seu pé, dentro da arte. Classe feita de detritos de outras, pois em Padre Amaro há, ao mesmo tempo, sangue servil e educação aristocrática e no primo Basílio estão caldeados modos citadinos de casta fidalga e maneiras rústicas de brasileiro de torna-viagem, sem fisionomia própria fora desse matiz incaracterístico que é a soma dos traços psicológicos e sociais de uma classe que ainda não deixou de ser povo e ainda não é burguesia, impossível colher nela a matéria humana que ressalta das classes de uma autenticidade sem mescla.

O drama do romancista que procura transmitir à sua obra uma sinceridade ao mesmo tempo pessoal e colectiva (e não há, de facto, nenhuma forte expressão do romance nacional onde

esse duplo carácter não compareça), sem condições de identificação com o meio cujo quadro social lhe é necessário para que a sua obra se não perca em abstracções ou em lirismo, está patente em certas obras norte-americanas do princípio do século XIX. Hawthorne é bem o tipo do romancista que procura debalde fincar os pés na realidade social americana, que lhe não permite ainda nada mais que aquela espécie de romantismo através do qual ele se evade para o campo das maldições e das fatalidades. Entre nós, um Raul Brandão, pretendendo trazer para a literatura novelística o tema do povo e da sua miséria, incapaz de se identificar com o meio que pretendia pintar, pois d sse meio apenas tinha experiência literária, viu-se obrigado a refugiar-se nesse espécie de lirismo da miséria que é o seu, lirismo descarnado e intemporal. Posto haja sentimentos eternos e o homem seja de facto, sempre o mesmo no desenho profundo das suas paixões, o certo é que o romance não se compadece com sentimentos musicais, isto é, sem corpo, sem carne, sem representação concreta e circunstancial. Pelo contrário, é na medida em que os sentimentos abstractos se tornam concretos e as ideias se tornam realidade que o romance é romance. Ora todo o concreto humano se traduz em circunstâncias sociais, pois o homem, desde que sai do intemporal, entra na família, faz parte de uma classe, é filho de uma nação, tem raça, língua, costumes, crenças e aspirações não só dele, mas de toda a sociedade humana em cujo quadro se integra. Isto quer dizer que o romance antes de "pintar almas", pinta homens sociais e conflito onde os problemas da alma são, ao mesmo tempo, problema do corpo social. Daqui que o romancista não possa evadir-se do seu meio. Se se lhe sente superior, pode criticá-lo; o que não pode, contudo, é dar-lhe um conteúdo humano que ele em si não comporte. Se o criticar, fará caricatura, como o fez Eça de Queirós; se o transcender, pretendendo dar-lhe uma riqueza psicológica que ele, de facto, não tem, cairá na literatura romanesca de tom precioso e literário, como é, de certo modo, a literatura de ficção de um Fialho de Almeida. *A Madona do Campo Santo* é um exemplo típico da novelística em que os refinamentos do escritor transmitidos às suas personagens, personagens filhas de um meio em que tais refinamentos não existem, artificializam o meio e fazem preciosa a literatura. Aquela costureirinha que se alimentava de pétalas de rosa é uma abstracção, um paralogismo: é de pão que as costureiras se alimentam, não de rosas.

Não deixe de ler no próximo número

**O Anjo e a Bruxa**  
(Teixeira de Pascoais)

**Os alicerces dos mundos**  
(José Régio)

## "CINE CLUBES"

de Jorge Pelayo

Estas teorias seriam portanto as do cinema geral, do Exército do Cinema se quisermos estabelecer a analogia com o Teatro (o Autor refere-se aqui ao Cinema e ao Teatro soviéticos). E já que falamos em analogia podemos ir mais longe ainda, considerando como «brigadas de agitação» os Cine Clubes que mais tarde despertaram em todo o mundo.

São estes, meras associações que secundaram o cinema experimental quando ele atingiu o seu apogeu e que reuniram um público restrito e ilustrado a quem mostraram todas as obras que haviam saído dos cérebros privilegiados de alguns cineastas. Público restrito esse, porque constituía um círculo de estudos, não seria levado, decerto, pelos erotismos, nem pelas políticas, nem pelas filosofias mórbidas que enfermavam grande parte dessa produção. Por isso mesmo não se hesitou em lhe mostrar tais filmes quando eles constituíam cinema puro, mesmo que, como espectáculo, fossem instrumento de perversão.

O restante público, a parte não iniciada, desejou participar dessas sessões e em breve estas passaram a servir todas as ideologias excepto a cinematográfica. O cinema soviético, de uso tão caseiro, incontestavelmente, grande nessa época, iria servir à maravilha para a coberto das intenções de «pura divulgação cinematográfica» servir a pura divulgação do soviétismo.

Os Cine Clubes eram pois o equivalente cinematográfico das brigadas de agitação do Exército Teatral. Hoje continuam sendo-o. Se é certo que na URSS eles apenas são permitidos para os técnicos, os países que, a pouco e pouco, vão sofrendo a influência de Moscovo, vêem proliferar, com espantosa abundância, a semente do cine-clubismo.

A França cujos cine-clubes reuniam perto de dez mil associados antes da Guerra, assistiu à eclosão de um forte movimento cine-clubista ainda na clandestinidade para brilhar à luz do dia, após a Libertação, e reunir hoje cerca de cem mil aderentes.

A Itália onde o Fascismo proibia os Cine Clubes, vê, com a queda de Mussolini, fundar-se uma caótica multidão de círculos cinematográficos.

Datam de 1947 os primeiros Cine Clubes da Hungria, da Jugoslávia, da Checoslováquia, da Holanda. Na América quase não há Cine Clubes e na Inglaterra as *Film-Societys* têm um carácter solene que as asfixia. A filiação política do movimento dos Cine Clubes está amplamente demonstrada embora se encontrem muitos — e entre nós esse caso se verifica — que se criaram e vivem à margem das preocupações ideológicas. Mas entre nós, também, outros há que não manifestam tão exclusivo interesse pelos assuntos cinematográficos; ainda há pouco se provou que a inauguração de um certo Cine Club português fazia parte da série de

## Apolo e Baco

rivais de sempre!...

A magna Grécia, que nos deu o molde da beleza espiritual e corporal, não deixou, no entanto, de lutar tenazmente em dois sentidos: o do culto pela natureza, representado por Baco, e o da reflexão e do ideal representado por Apolo.

O primeiro, filho de Jupiter e Pemele, foi criado pelas ninfas, musas e aquele que lhe ensinou o uso do vinho, dando-lhe o seu próprio apelido: Siléne. Já crescido, Siléne apaixonou-se pelas viagens e conquistas. Partiu em direcção ao Oriente com o seu preceptor, pai dos Sátiros, bacantes, tambores e odres do nectar precioso. A sua armada dos prazeres triunfou e Siléne tornou-se um deus popular!

Teve aventuras e chegou a ser despedaçado pelos Titans, que com ele se banquetearam.

Jupiter, porém, vingou-o, destruindo os Titans com o fogo celeste; de suas cinzas nasceram os homens, segundo a mitologia grega.

Havia neles o mal devorador dos gigantes e o elemento divino derivado de Baco.

— As festas «dionisíacas», consagradas ao Deus mais alegre na estação primaveril, podiam comparar-se às grandes feiras do tempo medieval, às peregrinações de S.ta Ana d'Auray, (le grand pardon) entre outras, e talvez com as nossas romarias. — O principal instrumento de música naquelas cerimónias pagãs era o «tambor», faziam também umas representações teatrais, o modelo esboçado da O'pera, pois que toda a parte poética era cantada. Dizia Platão: «Um verso sem música é como um rosto sem mocidade».

Quantas O'peras italianas, que muitos escutam deleitados, ainda hoje, não apresentam e ostentam os seus erros como virtudes?! Era esta uma característica das festas a Baco.

O seu rival Apolo, o deus nobre, era filho de Jupiter e Latone. Tinha a beleza e a bondade. Como os Ciclopes houvessem morto o seu filho, Esculápio, com um raio, ele, por sua vez exterminou-os com flechas. Quiz ser justiceiro, porém, Jupiter lamentando a perda dos Ciclopes, exilou Apolo, mandando-o à terra. No seu exílio foi pastor, e durante as horas calmas e contemplativas inventou a «lira». Jupiter, no entanto, voltou a chamá-lo

solenidades integrada na Semana Internacional da Juventude oriunda já me não recordo de que país satélite de Moscovo.

Se o Teatro entrou na Escola russa, mais profunda ia ser a acção da tela. Dos desenhos animados aos filmes de viagens, das películas culturais às biografias dos grandes personagens do regime vermelho, tudo tem contribuído para fazer do pequenito russo um «pioneiro» consciente e activo.

Quer isto tudo dizer que enquanto as cinematografias estrangeiras são apenas um negócio ba-

e deu-lhe a missão de conduzir a carruagem do sol, atendendo á sua bela aparência e ao seu saber. Apolo foi então o Deus da luz e da inteligência. A sua lira soava enquanto falavam os deuses no Olimpo. Foi também o inspirador das artes plásticas, e toda a época clássica grega tornou-se apolínea, cheia de unidade e harmonia, traduzidas afinal na palavra «Nemesis» que significa: nada a mais! — A música dos gregos teve as duas influências: a dionisíaca e a apolínea. Sob esta última forma ela associou-se à tragédia, à dança e todas as manifestações artísticas. O conjunto instrumental era até ali apenas constituído por três instrumentos: a lira, a flauta de Pan e o flautim. O teatro, que tivera as suas origens nas festas a Baco, purificou-se com Ésquilo e Sófo- cles.

Os filósofos dominavam, porém Sócrates triunfou sobre todos; a sua profunda significação não se reflectiu apenas no seu país, mas em todo o mundo intelectual. Na arte e na filosofia os gregos souberam impôr às coisas brutais e violentas a graça, a beleza, a serenidade e a inteligência. O triunfo de Apolo!... «Ninguém é mau voluntariamente», dizia Sócrates, o criador da ciência moral.

Desde a antiguidade, a música seguiu um caminho diferente, mais isolado, e entre as outras artes ela foi sempre a mais original. Toda a febril sensibilidade humana nela se fez sentir fortemente na luta das ideias. Descartes, Kant e outros filósofos modernos tiraram aos espíritos a tranquilidade helenica. Em opposição a Sócrates tivemos o famoso Bergson exaltando o dinamismo da vida!... Recebeu o prémio Nobel em opposição também à cicuta que a Sócrates deram a beber!

O modernismo é portanto dionisíaco, e a música prestou-se a reflecti-lo intensamente.

Teriam os gregos sido demasiado apolíneos ou nós demasiado inclinados a Dionísio?!

Talvez que aliando a jovialidade e entusiasmo de viver á força de vontade, ao domínio da razão e á bondosa inteligência, houvesse a paz entre Baco e Apolo para sempre!

Berta Alves de Sousa

seado na inclinação do público para o espectáculo das salas obscurecidas, enquanto um cronista internacional podia dizer com espírito que «a América vista por Hollywood é o seio da Lana Turner e o livro de cheques dos magnatas de Wall Street», enquanto isto, o cinema soviético, não totalmente isento de preocupações financeiras, da simples e universal especulação, é antes uma arma, uma escola, um cinema dirigido ao serviço do forte regime de uma extensa nação.

Na descrição das lutas entre o proletariado e a burguesia; na

## O MODERNISMO É ORIGINAL?

Proclamou-se, primeiro, a abolição de regras. Era um Romantismo exagerado. Depois, foram-se criando doutrinas para fundamentar atitudes, para justificar realizações pictóricas. O resultado cifrou-se num desprezo ou, pelo menos relegamento a 2.º plano, das formas e da composição para dar importância, primordial ou quase exclusiva, à ideia e à impressão. Convém, porém, notar que este interesse pela ideia e pela impressão acabou num cuidado formal muito grande; somente, em vez do realismo clássico, procurou-se, desvairadamente até, outra razão de cultivar a forma (como no cubismo picassiano). Tal deformação, tortura anatómica em nome da verdade interior — diria Chesterton — não podemos aceitá-la como dos nossos dias. A arte bizantina, como a pré-colombiana são muito anteriores e, por vezes, superiores. A arte japonesa é rica em experiência luminosa e no doseamento minucioso dos pormenores para uma obtenção de conjunto mixta de realismo e de impressionismo. Animista, já o era a arte inca e azteca; e, se as atenções dos estudiosos se voltassem para elas, descobririam lá as raízes da melhor arte europeia e um adiantamento artístico pasmoso em relação a nós. Ao primeiro exame, afigurar-se-nos-á que tudo nos veio do Oriente; mas um aprofundamento maior talvez nos dê a certeza de que, se o melhor da nossa arte, nos veio quase sempre pelo Oriente, isso não significa que nos viesse do Oriente. Pouco se reparou na influência egípcia e do mediterrâneo Oriental sobre o Romantismo. Pouco se reparou no japonismo de Degas e do próprio Monet. Pouco se tem concluído da influência de Velasquez e de Goya sobre Manet; e não se tem reparado no facto de Goya e Velasquez pertencerem a um povo descobridor da América e viverem na época colonialista. Pouca importância descobriram no facto de Gauguin ser de origem ameríndia. Tornar-se-ia ainda interessante investigar a razão das deformações praticadas por Fra Angélico e do alongamento das figuras de Boticelli e de Giotto. Fecundíssimo havia de ser o estudo das causas formais, culturais, racionais, etc., sobre o gótico, reparando não só no orientalismo dos arcos ou do animismo das figuras, mas também na circunstância das afinidades pela costa atlântica europeia onde teria raído um desparecido continente.

Lopo Goulart Nogueira

propaganda dos planos quinquenais; nas aplicações agrícolas a mostrar a luta dos processos primitivos em face das modernas maquinarias, como o fez Eisenstein nessa formidável «Linha Geral»; mais recentemente na documentação das campanhas que se travavam em torno de Moscovo e de Leninegrado ou nos tribunais de Nuremberga, são sempre os cinegrafistas, os soldados obedientes do comunismo, os melhores servos da arte que é a sétima, da arma que poderá ser também a sétima, logo a seguir na URSS, ao seu Teatro.

# P O E S I A

## Fragmento

Num salgueiro inclinado sobre um lago,  
ou numa estrela a arder,  
Há aquela mesma alma, aquele mesmo vago,  
que é a própria essência viva do meu sêr . . .

*Teixeira de Pascoais*

## Volúpia negra

.....  
E a negra,  
Como uma sombra,  
Seguiu-me na noite negra  
Mais negra que a própria sombra!

E a graça com que ela andava,  
Sombra que ia e que vinha...  
Confundida com a minha...  
— Sombra escrava  
Que não deixa ao abandono  
A silhueta do dono!...

E a graça com que ela andava!...

Da linha dos seus contornos,  
Dos seios rijos e mornos,  
Dir-se-ia que emanava,  
Que escorria  
Uma torrente de lava  
Que em volta tudo acendia,  
Que em volta tudo queimava!...

Ai meu Deus!... Aquela negra,  
Duma graça tão discreta,  
— Não sei quê de toutinegra...  
Não sei quê de borboleta... —  
Na harmonia dos contornos,  
Nos seios rijos e mornos,  
Lembrava uma estatueta,  
Em bronze puro esculpida.  
Que acaba de ser beijada,  
Que acaba de ser ungida  
Pelo calor de altos fornos,  
Numa volúpia sagrada!...

Ai, meu Deus!... Na noite negra,  
Sem sombra de fantasia,  
Aquela negra tão negra,  
— Estranha dália bravia  
Do mais estranho perfume!... —  
Na harmonia dos contornos,  
Nos seios rijos e mornos  
E na epiderme macia,  
Lembrava uma estatueta  
Semi-rubra e semi-preta,  
Ao sair dos altos fornos  
Untada ainda de lume!...

.....  
E a negra,  
Como uma sombra,  
Seguiu-me, na noite negra,  
Mais negra que a própria sombra!...

*Carlos de Moraes*

## Despedida

Deixa o Poeta em paz! Vai alta a lua.  
A noite é um anjo que de nós se abeira...  
Deixa-o cantar sem que o rancor destrua  
A pátria a que êsse canto deu bandeira!

A noite é um anjo aquém e além dos mares.  
E a cruz, que os fariseus querem de rastros,  
Ergue-se intacta, aquém e além dos mares,  
Naquela voz emoldurada em astros!

Deixa ao Poeta as sendas misteriosas,  
Onde se alonga a estrada interrompida!  
Deixa cantar em paz quem te deu rosas,  
Côr, movimento, luz, música, vida!

Deixa o Poeta, em paz! Ouve-lhe a prece,  
Tu que ainda és loiro e puro adolescente!  
Canta com êle essa «canção ardente»  
Que do «perdido lar» nunca se esquece!

Aceita a Primavera! E o mês de Abril  
Venha azular teu horizonte baço!  
Deixa o Poeta em paz com seu abraço  
Seguir na descoberta do Brasil!

Não voltará jamais... Nunca se volta!  
Qual de nós teve a honra de partir,  
Como êle, com invejas por escolta,  
Mas já sem flor, como êle, por abrir?

Ah! Deixa em paz quem sempre te sorria,  
Sem o silêncio de um amor covarde!  
E grita, não temendo o teu alarde:  
— Passagem à beleza e à poesia!

*Pedro Homem de Melo*

## Naufrágio

Não era por mal...  
A onda que vinha  
não vinha por mal.

Mas veio, mas veio...  
E logo a barquinha  
partiu pelo meio...

Nem homens, nem velas  
— : Quanto a bordo ia,  
com fé abalara,  
morreu já sem ela.

Mas, se a onda veio,  
não veio por mal:  
era irmã daquela  
que chegou à praia,  
que embala barquinhos  
de meninos pobres.  
Os meninos brincam.  
Navegam em barcos  
feitos de cortiça,  
feitos de jornal...  
Quase à mesma hora,  
longe, os pais naufragam  
sem nenhuma ajuda.

Mas não é por mal...

*Sebastião da Gama*

## Poema

No céu azul, gigantescas núvens brancas.  
Na terra, a luz absorvente do sol.  
Os canhões matam, as bombas matam, e as  
[espingardas e os "tanks"]

Os homens matam!  
Porque é preciso destruir!  
Porque sem ódio não há amor.  
Sem as covas dos alicerces, não há a altura dos  
[edifícios!]

Sem a aniquilação dos gafanhotos,  
Findam as plantações.  
Com os micróbios, há doenças.  
Por isso,  
Por isso,  
Benditas sejam as ruínas e os cadáveres de  
combatentes!  
Bendito o fogo que abraça construções! E os  
[campos talados!]

Benditas a fome, lágrimas, a ira!  
Bendita mesma a nossa derrota!  
Porque das mordanças com que nos amordaçam,  
Dos chicotes com que nos chicoteiam,  
Das mãos brutais com que nos violentam,  
Da mentira com que nos caluniam,  
Virá a mudança!  
Sim! E com as ruínas, faremos ferramentas;  
Com os cadáveres, pontes e escadas;  
Com o fogo, a língua do mundo levantada;  
Com a fome, a dureza de vontade;  
Com as lágrimas, a fonte, a fonte!  
Com a miséria e a humilhação, a consciência;  
Com o ódio, a força pra conquistar o amor;  
E, na crosta da terra antiga irreconhecível,  
Uma outra terra,  
Um mundo novo,  
Novo!  
Por isso,  
Por isso,  
E' preciso a alma implacável e o murro prá  
[destruição!]

João de Albuquerque

## Evasão

Aquela renda... aquela avó... aquele dia...  
Flores no chão, terra mexida!  
Terra parada fitando os astros,  
Que andam sonâmbulos de rastros,  
Dentro das horas da minha vida.

Sinto saudades daquela praia  
Onde podia recordar,  
Os lindos contos de loiras fadas,  
Que entoavam ternas canções aladas  
Para o seu Príncipe sonhar.

Ninguém se lembra daquele dia,  
Em que o silêncio — página lida,  
Deixou a renda ficar quebrada...

Partiu metade na madrugada,  
Ficou o resto na minha vida!

Vasco de Lima Couto

## Meu sonho

No mundo sem luz, águas sem margem,  
Brandas rolando, à flor se tarjem  
De listas, paralelamente,  
A' flor que esconde, à flor que mente.

No abismo sem medo, águas sem fundo,  
Qual coração meditabundo,  
Pesem, vencendo como o sono  
E como o sonho abrindo entono.

A' tona eu ando, imaginando...  
Silêncio: o dia. Momento brando.  
E, mergulhando, então transmudo  
Na minha estrela todos, tudo.

Mundo sem luz... Dele descendo,  
As construções ideais vou vendo,  
As construções que eu já supus,  
Onde só minha fosse a luz.

Onde ela fosse íntima e doce  
E pelas águas coada fosse...  
Aí terei (pra isso esgarce-me!)  
A palpitante estrela a dar-se-me!

Florentino

## Beijos só, matam

Em mim andam as dores ancestrais,  
Sofrimento de tudo quanto existe.  
Catedral é o mundo; eu sou o antiste;  
Sacrifício nós somos, e missais.

Minha alma! Senhora! Onde morais?  
Na saudade de além, que o hoje é triste...  
Saudade, punhal! Só tu me viste,  
Que eu existo nas dores ancestrais.

Tudo aspira. — São lágrimas os mundos.  
Os entes são perfumes oriundos  
Do Amor, por se quebrar a ânfora plena.

Recolho-me às corolas, fujo às côres,  
Mas nem sou o perfume nem as flores  
E o perfume das flores me envenena.

Renato de Valnegro

## Puberdade

Há fogo e pó. Manhã de tempestade,  
Sem chuva, com trovões, calor e vento.  
O céu passa de azul a um tom cinzento  
Que, calmamente, o mar já todo invade.

Pouco resta, afinal, da claridade.  
Sòmente fogo e pó! Nem sentimento  
Existe na manhã. Esvai-se lento  
O ronco dos trovões, da minha idade...

Contente fico, ouvindo este ruído  
Que mostra como tenho preferido  
A tempestade forte à vida amena.

E sinto, em mim, a estranha sensação  
De querer chama e roncos de trovão  
Em vez de buscar ver a luz serena.

Emílio Machado

### Até ao presente, colaboraram nesta secção de CULTURA:

Sobre Ciência — José Corte-Real

Sobre Filosofia — F. Goulart Nogueira

Sobre Geografia — Prof. Dr. Amorim Girão

Sobre História — Dr. Alfredo Pimenta, Florentino Goulart Nogueira

Sobre Artes Plásticas — Mestre Joaquim Lopes, Lopo Goulart Nogueira

Sobre Cinema — Carvalho Vaz, Jorge Pelayo, Roberto Nobre

Sobre Interpretação Poética e Teatro — Florentino Goulart Nogueira

Sobre Música — Mário Neves, Berta Alves de Sousa

Com Crítica e Estudos Literários — Floren-

tino Goulart Nogueira, João Gaspar Simões, José Roiz, Manuel Afonso Ribeiro

Com Ficção em Prosa — Dante Albuquerque, Guillaume Teine, José Roiz, Telma de Liscano

Com Poesia — Alberto Serpa, Carlos de Mo-

rais, Correia de Araújo, Dante Albuquerque, Emílio Machado, Fernanda de Castro, Florentino, João Emptis, José Marmelo e Silva, José Roiz, Manuel Godinho, Pedro Homem de Melo, Raúl Machado, Renato de Valnegro, Teixeira de Pascoais, Vasco de Lima Couto

**SOLCRIS**

...é um store

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**Cereais — Toucinho  
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**605 — RUA 22 — 609  
(Em frente aos novos Poços do Concelho)Telefone 342  
**ESPINHO****Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidroCRISTAL  
EM CHAPAVidro impresso  
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO**DUARTE & C.<sup>A</sup>**  
— Armazenistas de Merceria —  
**Rua 19 - ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

**Mercearia Porto ESPINHO**

Piaçadores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 16

**SABOARIA ATLANTICA**Rua 26 — **ESPINHO****Cadinha & Couto**Armazenistas de Merceria  
Azeite, Cereais, etc.RUA DEZOITO  
Telefone, 52  
**ESPINHO****CASA SOUSA**  
PAPELARIA E LIVRARIA

J. Moreira de Sousa Júnior

Telefone, 99

Carteiras, Porta-mo-  
edas, Pastas, Produtos  
de perfumaria — La Toja  
— Jogos, NovidadesRua 19 N.º 215 — **ESPINHO**

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

**SOL D'OIRO**PEGADO AO TEATRO S. PEDRO  
**RUA OITO**  
(Caves da Séde do Sporting Espinho)Cervejaria, Café, Bar com  
secção de Póega RegionalARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS  
— CHÁS E CAFÉS —  
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVASTELEFONE N.º 37  
APARTADO 37**União Comercial de Espinho, L. da**  
ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM  
LICORES E XAROPES  
— **UNIÃO** —Rua 19 — 409 a 421  
**ESPINHO****Fábrica Móveis Artísticos**Alberto de Sousa **REIS & C.<sup>a</sup>, Limitada****MÓVEIS  
E  
DECORAÇÕES**

Avenida 8 — Telefone 48 — Espinho

**FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Únicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Mila-  
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-  
landeses, L.da  
ADUBOS «S. A. P. E. C.»Telef. fone, 21  
gramas: FARINHA,  
APARTADO. 5

Rua 62-ESPINHO

**PADARIA PRIMOROSA**

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-  
lidade em fabrico de pão de milho— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14, 833

**ESPINHO****Tipografia Progresso**Execução de trabalhos tipográficos  
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

**ESPINHO**

SÊ BOM SÓCIO  
DA  
ASS. ACADÉMICA  
ASSINANDO O  
*Boletim*

# Boletim

SÊ BOM ASSINANTE  
DO  
*Boletim*  
ANGARIANDO  
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

## Villaret fala ao "Boletim"

Cheguei tarde, cinco minutos antes de começar o recital. Ainda assim, naqueles breves minutos e nos intervalos, entrecortada pelos amigos que vinham felicitar Villaret e despedir-se dele, a entrevista fez-se.

— O que entende que seja a arte e qual a sua função?

— Assim, de repente... — Villaret sorri. E o artista culto e trabalhador responde: — Sou quase analfabeto... Mal sei escrever o meu nome.

Eu penso que escreveu bem o seu nome, indelevelmente, mas continuo:

— Que poetas prefere?

— Todos solicitam a minha atenção, desde que sejam apenas isto: poetas; dos delicados sentimentais trovadores, passando por Gil Vicente, Camões, Rodrigues Lobo e Bocage, Garrett e Gomes Leal, até a esse moderno Manuel da Fonseca.

— Não se prende então com épocas ou escolas?

— De forma nenhuma. Vou buscar-lhes as obras, mesmo àqueles que pertencem a escolas estéticas ou políticas, não pelas suas ideias pessoais, particularistas ou de grupo, mas pelas suas realizações, filhas da inspiração sublime e divinatória.

— E julga que os poetas mais autênticos são os mais recitáveis?

— Eu acho que há poetas densos, profundos, enormes poetas, mas de menores qualidades recitáveis. Isso até acontece adentro da produção dum mesmo poeta: as melhores coisas, as mais ge-

nuínas e inspiradas têm, às vezes, de ser relegadas pelo recitador. Entendo, todavia, que presto um serviço aos autores não lhes dizendo os seus poemas que, embora superiores, carecem de possibilidades cénicas.

— Quer-se referir às reacções do público?

— Sim. Porque ele necessita de instruir-se nas poesias que o recitador lhe transmite e estas são apreendidas, conforme o recitador as vive, se transforma no próprio poema. Por isso mesmo, só as que o declamador melhor consiga plasticizar e musicar, essas é que convêm ao público. Assim poderemos iniciá-lo na Poesia.

— Dou-lhe razão, em parte. E— desculpe o salto! — encontra grande diferença entre os poetas portugueses e brasileiros? De quais gosta mais?

— Bem. Essa última pergunta não se faz a quem vai para o Brasil... De resto, tenho para mim que os poetas portugueses e os brasileiros são igualmente artistas e emotivos de alto valor. Uns e outros ligados à terra a que pertencem, filhos dos respectivos climas espirituais e físicos, mas semelhantes pelo parentesco que os une, a mesma língua, digamos: até pelos mesmos sons, diversos assim à maneira das interpretações do mesmo trecho musical por dois pianistas.

Chamavam para a 1.ª parte do espectáculo.

— Até ao intervalo! Ainda

Continua na pág. 5

## O Turismo em Espinho PORQUE SE CONTINUA A IMPROVISAR?

Numa série de artigos anteriores para o «Boletim» tive a oportunidade de fazer algumas apreciações ao Problema Turístico Local e apresentar algumas sugestões a meu ver razoáveis e tendentes a auxiliar o trabalho daqueles a quem caberia estudar e solucionar o problema com a urgência necessária e requerida.

Tal contribuição ajustava-se completamente às características do Boletim e ao interesse que põe no estudo das questões locais.

No entanto, ou porque quem lê o jornal não tenha acção directa na administração local, ou porque as sugestões apresentadas não fossem consideradas dignas de apreciação e execução, nada se fez até agora para suprir os inconvenientes para a vida turística de Espinho, da falta de coordenação de esforços, organização de programas e propaganda apropriada e feita a tempo e horas.

Ora, é perfeitamente de admitir que não se aproveitem as sugestões dos outros quando se tenha já preparado algum plano de acção reputado melhor e de mais rápidos efeitos. Caso contrário, desconhecer a contribuição de outrem só pode revelar afinal menos interesse pelas questões em si; e que se saiba, tudo ou quasi tudo continua por fazer, salvo se a organização e propaganda turística de Espinho se faz em segredo, o que é pelo menos bastante paradoxal.

De uma coisa estamos todos certos. — Não pode haver ninguém de bom senso capaz de defender a opinião de que não interessa a

propaganda à vida turística dum praia e de que para fazer com benefício essa propaganda não é necessário organizar com antecedência os programas de festas e diversões de cada época balnear.

Reconhecemos sem dúvida que Espinho tem o «nome feito» mas ninguém pode ignorar que dia a dia surgem novas estâncias turísticas procurando lançar-se, aliciar os passeantes, chamar de todos os modos a atenção para si.

Quem não fizer o mesmo e se deixar dormir sobre os loiros colhidos fica irremediavelmente para trás.

A importância da Propaganda Turística foi de resto reconhecida há muito pelo Estado, o qual para o estudo desse e doutros problemas criou o Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular cuja acção se tem feito sentir sobejamente no desenvolvimento Turístico Nacional.

Mas é claro que no plano local não podemos aguardar que todos os esforços sejam da alçada do Secretariado.

Tem que caber aos de casa a maior parte do trabalho e do interesse na solução dos seus problemas próprios ainda que quando possível se procure obter todo auxílio possível de quem de direito.

Para isso há em Espinho uma Comissão de Iniciativa e Turismo e também uma Comissão de Propaganda e Festas, aparentemente uma duplicação da primeira.

Continua na pág. 7

### FOLHETIM MENSAL

por: José Corte-Real (PEPE)

#### QUE ISTO DE TER-SE FÉRIAS...

Que isto de ter-se «Férias» é mentira, pois com elas se obtém, exactamente, o resultado que se não pretende. Que isto de estar-se em «Férias» é sinal de elegância dos tempos ou sinal de pingues rendimentos. Na vida de José Bonifácio, empregadote público, havia 11 meses de trabalho pesado e 1 de férias, cada ano. E chegando a 31 de Julho, José Bonifácio anunciava, aos 4 cantos da cidade em que vivia, que ia com a família passar o mês de Agosto, a Espinho, em goso de férias. O Bonifácio era admirado, invejado e dissecado na alma.

— Um pelintra que não tem dinheiro para comprar uns sapatos...

— Um caloteiro que não paga ao padeiro...

Sob esta chuva impiedosa de elogios, a Gertrudes Bonifácio, o Bonifácio, os filhos e os tatecos móveis e al...

semi-móveis, empilhavam-se no automóvel do primo Policarpo e, zumba que zumba, faziam-se de rumo a Espinho, gritando de vez em quando Bonifácio: — Agora sim, agora é que vai ser descansar.

E descansava o pobre diabo. Erguia-se às 9 horas, bocejando um «ó» enorme, pois os filhos arreplavam-lhe a casa no desejo de irem para a praia. E lá iam eles mais o Bonifácio enquanto a Gertrudes «alimpava o pó e arranjava os quartos». A' saída, bem recomendava a Gertrudes: — Cuidado com os pequenos! Bonifácio! Olha que o Arturinho ainda não fez a digestão! Vê lá se ele molha os pés...

E eram milhares de recomendações e conselhos respeitantes ao Sol, ao mar, aos gelados etc...

E lá ia o Bonifácio, toc-toc, muito lanzudo, de cadeirinha desmontável sob o braço, de guarda-sol nas unhas, com o balde do Arturinho, o cavallinho de cartão do dito, a boneca da Léca e mil derivativos semelhantes.

Quando chegava à praia o Bonifácio punha-se de papo pró ar a ler o Janeiro, muito repimpado e satisfeito. Sol de pouca dura! De repente erguia-se sob o cotovelo, olhava o areal e...

— Que é do Arturinho? — perguntava o cérebro do Bonifácio ao coração sobressaltado... que apenas via o areal imenso e a bocarra do mar insatisfeito...

E lá se erguia o Bonifácio à cata do Arturinho gritando como um desatinado até que surgia o Arturinho cheio de areia até ao tutano, com um ar inocente, tão inocente, que o Bonifácio zurrava-lhe as ventas inferiores e no silêncio da praia o chôro do Arturinho assemelhava-se à melodia dolente da sirene policial.

E a cena repetia-se de dez em dez minutos, ora com o Arturinho, ora com a Léca...

E quando o Sol se punha a pino, a careca do Bonifácio deslocava-se até casa...

De tarde nova cena... novo drama... novas corridas pedestres através do areal em busca do Arturinho, da Léca...

E à noite a Gertrudes pipocava-se toda, metia os miúdos na cama à lambada, dava as últimas recomendações à criada (que era mouca) e de braço dado com o Bonifácio vinha até à Avenida e aquilo é que era andar uma meia dúzia de quilómetros, bisbilhotando aqui e ali, parando acolá a ver o comboio a arrotar gente... enfim... e o Bonifácio com os pés doridos, inchados, com um ar de santo e o corpo martirizado pedindo cama, amaldiçoava as férias, o céu, a terra e o primo Policarpo.

Sim, que isto de estar em Férias é tudo menos descanso. E o resto são histórias...

No próximo número o artigo A PROVA DOS 9! do Editorial "Espinho e a Empresa Espinho-Praia"